

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - MS

JUCELIA PEREIRA DA ROCHA

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUA (GEM): TRAJETÓRIAS E  
PERCURSOS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS  
DO 9º ANO DA ESCOLA PÚBLICA

DOURADOS – MS

2019

JUCELIA PEREIRA DA ROCHA

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUA (GEM): TRAJETÓRIAS E  
PERCURSOS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS  
DO 9º ANO DA ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade. Linha de pesquisa: Estudos de Língua (gens) e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti.

DOURADOS – MS

2019

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R672p Rocha, Jucelia Pereira Da  
A PRÁTICA SOCIAL DA LÍNGUA (GEM): TRAJETÓRIAS E PERCURSOS NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS DO 9º ANO DA ESCOLA PÚBLICA:  
[recurso eletrônico] / Jucelia Pereira Da Rocha. -- 2019.  
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.  
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.  
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Linguagem.. 2. Sujeito.. 3. Identidade Cultural.. I. Limberti, Rita De Cássia Aparecida  
Pacheco. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

*A minha família!!!*

*Aos meus pais,*

*Jorge e Isabel -*

*onde tudo começou.*

*Ao meu esposo,*

*João Henrique -*

*pela paciência e compreensão.*

*Aos meus filhos,*

*Miguel Henrique e Maria Julia -*

*meus tesouros.*

*Agradeço a todos que de alguma  
forma contribuíram para essa  
realização.*

*Em especial a minha orientadora  
Profª Drª Rita de Cássia, que me deu  
todo o suporte nesta caminhada.*

*Atento ao que vejo,  
Torno-me eles não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir onde estou.  
(Fernando Pessoa)*

## RESUMO

A pesquisa tem uma abordagem da linguagem e a sua função como prática social dentro do contexto escolar de uma escola pública estadual, da cidade de Dourados-MS. Considerar-se-á o discurso de alunos do 9º ano, último ano do ensino fundamental II, através de textos elaborados por eles em atividades da aula de Língua Portuguesa. O objetivo principal será investigar a identidade cultural dos alunos do 9ºano, no intuito de ter um novo olhar sobre esses sujeitos, considerando toda mudança externa e interna a que este sujeito está exposto nessa fase, com base nas teorias de Bakhtin (1986), Orlandi (2009) e Bourdieu (2007), Bauman (2005) e Hall (2000). Considerando-se que, segundo Bakhtin, o sujeito precisa da interação e que a partir da convivência com os outros que se constitui ser social, pretende-se verificar, nessa perspectiva, a construção do sujeito. Tomar-se-ão também os preceitos de Orlandi, ou seja, a análise do discurso no que tange à linguagem (as formas de abordagem da língua), a cultural- a construída e a formal -, assim como também Bourdieu, sob os aspectos: a prática social no *habitus* (o que está incorporado) e o campo (instrumento). Para tratar das questões de identidade, nas quais esses sujeitos estão inseridos, buscamos os estudos de Bauman e Hall. Tem-se a proposta, neste trabalho, de delinear a identidade dos sujeitos atores dos discursos analisados, embasados nas teorias da Análise do Discurso de linha francesa. Portanto, busca-se demonstrar como os discursos dos sujeitos alunos do 9º ano do ensino fundamental II, através do texto, configuram a constituição não só da identidade cultural, mas também do conhecimento de mundo e da vida social em que estão inseridos, e por meio de quais escolhas lexicais eles se expressam. Deste modo, espera-se que os resultados apontarão as identidades culturais desses alunos previamente construídas através da expressão verbal escrita, como também as suas posições no contexto no qual estão inseridos e o que buscam construir com sua trajetória a partir da sua percepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Sujeito. Identidade Cultural.

## ABSTRACT

This research has an approach to language and its function as a social practice within the school context of a public state school in the city of Dourados-MS. The words from students from the 9th grade will be taken into consideration. That is the last year of elementary school II. They wrote texts during activities belonging to the Portuguese Language class and they were interviewed after the production of such texts. The main objective is to investigate the cultural identity of the students of the 9<sup>th</sup> grade, in the order to have a new look at these subjects, whereas any change internal and external at this stage of life, based on the theories by BAKHTIN (1986), ORLANDI (2009) and BOURDIEU (2007). According to Bakhtin, the subject needs interaction and based on the coexistence with others, they become a social being. Hence, we intend to verify the construction of the subject, hinging on this perspective. The precepts by Orlandi are also used, *i.e.*, the discourse analysis in terms of language (the three ways of approaching the language, which are the cultural, the constructed and the formal ones). Furthermore, Bourdieu's work are exploited in such aspects as: the social practice in the *habitus* (what is incorporated) and the field (instrument). Dealing with questions of the identity, with the subjects are inserted, we take the studies of the Bauman and Hall. To tries, this work, outline the identity of the subjects actors of the discourse analyzed, based on the theories of French Discourse Analysis. Therefore, it tries to demonstrate how the discourses of the students of the 9th grade of elementary school II, through texts , configure the constitution not only of their cultural identities but also of their knowledge and their social life, from the position that this subject occupies. Thus, the results should show these students' cultural identities previously built through their verbal written representation as well as position in context for them and what they seek to build within their trajectory whit perception.

KEY WORDS: Language. Subject. Cultural Identity.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>CAPÍTULO I – REFLEXÕES TEÓRICO-DISCURSIVAS DE ANÁLISE</b>	
1.1 Análise do Discurso, seus fundamentos e conceitos	14
1.2 Contribuições bakhtinianas para os estudos da linguagem	16
1.3 Das relações entre <i>Habitus</i> , campo social e sujeito	19
1.4 O sujeito discursivo: sua constituição, historicidade e condição	21
<b>CAPÍTULO II – DAS QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE</b>	
2.1 Esboço de uma teoria sobre a identidade	32
2.2 A identidade na pós-modernidade	38
2.3 Discurso, práticas sociais e sujeito	46
<b>Capítulo III – Delineando a Pesquisa</b>	
3.1 Unidade Pesquisada	54
3.2 Esboço de uma teoria do <i>corpus</i>	55
3.3 Trajetórias e percursos na constituição da identidade do sujeito do 9º ano da escola pública (Análise)	58
Conclusão	83
Referências	86
Anexos	89

## 1 Introdução

A abordagem teórica que envolve essa pesquisa é a Análise do Discurso de orientação francesa. A motivação para esse estudo veio de observações feitas enquanto professora da rede pública de ensino e incentivada nas aulas como aluna do mestrado em Letras – FACALE – UFGD.

Nas escolas da rede pública por onde passei, observei a mudança de comportamento dos alunos do 8º para o 9º ano. Eles apresentavam, em sua grande maioria, um amadurecimento em relação ao ano anterior, deixando de lado as brincadeiras, preocupando-se com o futuro, coisas que um ano antes não apresentavam, destacando-se entre os demais alunos do ensino fundamental II. Tudo isso era perceptível nas conversas em sala de aula.

Mais tarde comecei a cursar as disciplinas do mestrado em Letras – FACALE – UFGD e, no decorrer das aulas em que discutíamos sobre os sujeitos e seus discursos, vi que essas observações feitas em alguns anos como professora poderiam fazer parte de uma pesquisa que levaria a entender - ou pelo menos conhecer melhor - esse sujeito/aluno do 9ºano, analisando seu discurso.

A escolha da temática “futuro” se deu em uma aula em que eu e discutia com meus alunos sobre profissões; percebi que os que se manifestaram tinham as mesmas ou semelhantes escolhas e almejavam um *status* profissional. Daí então a inquietação: por que o desejo profissional tão semelhante? Tem a ver com a relação de convivência? Será uma característica típica desta fase?

Como a pesquisa foi desenvolvida um ano depois das inquietações levantadas, foi necessário motivá-los para a retomada do assunto. Para isso utilizei dois vídeos, o primeiro tratava de reflexões de escolhas para a vida na sua totalidade como profissões, família, viagens, bens materiais. Já o segundo vídeo parte de um questionamento “quem você quer ser?” e traz uma reflexão sobre os sonhos para a vida profissional e se tem lutado para torna-lo realidade.

Assim, a pesquisa tem por objeto textos de alunos do 9º ano de uma escola pública da cidade de Dourados, produzidos no 3º bimestre de 2018 em uma aula de

Língua Portuguesa para atribuição de nota bimestral; portanto, todos os alunos foram convidados a escrever um texto.

A coleta do *corpus* foi uma das partes mais morosas da pesquisa, pois gostaria de coletar os textos durante as minhas próprias aulas de Língua Portuguesa, pois, se eu colhesse os textos durante as aulas de outro professor, minha presença ficaria desnaturalizada e poderia influenciar na produção textual. Não foi possível, contudo, trabalhar na mesma escola escolhida para a coleta dos dados; então contei com a colaboração de uma professora de Língua Portuguesa da escola escolhida para coletá-los.

Para motivá-los na escrita, a professora inseriu a produção dos textos em seu planejamento, atribuindo nota de participação; os textos foram escritos em uma aula de produção textual de acordo com a rotina deles em sala e não com o direcionamento de uma demanda de pesquisa.

A professora da turma escolhida sugeriu que eu fosse motivá-los, cedendo duas aulas dela para a coleta dos dados. Não vi nenhum problema e penso que não tenha interferido na produção, pois já havia sido professora deles e para o momento estava como acadêmica da pós-graduação, além de, no momento, não revelarmos a finalidade do texto. Foi interessante a minha participação na coleta dos dados porque pude conversar com os alunos sobre a proposta de escrita.

No momento da coleta não foi feito nenhum tipo de seleção para escrita, todos que estavam em sala foram convidados a escrever; porém nem todos escreveram. Foram produzidos 21 textos dos quais 10 foram selecionados para análise, por conta do tempo: não seria possível analisar todos, mesmo que por recortes. O critério para a escolha foi de dar preferência aos textos de alunos que estavam naquela escola havia mais tempo, pois hipoteticamente teriam um repertório maior de vivência naquele espaço escolar, ampliando-se as chances de apresentarem elementos identitários e subjetivos a partir do conhecimento e da bagagem escolares.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a constituição dos sujeitos/alunos do 9º ano de uma escola pública, de um bairro da cidade de Dourados-MS, por meio da análise do discurso de textos produzidos por eles dentro do contexto escolar, considerando toda mudança interna e externa por que passam para que tenham um

bom desempenho na fase seguinte (ensino médio) e saiba aproveitá-la ao máximo, levando o saber adquirido para a vida e não constituindo-se em uma fase estanque, de forma dissociada de sua caminhada futura. Partindo dos princípios teóricos que envolvem o discurso e as relações que entremeiam o sujeito, perscrutar-se-á a identidade e os elementos que trazem da bagagem escolar em seus discursos.

Os dados serão analisados com base na teoria da Análise do Discurso francesa, abordando o discurso científico da linguagem como prática social, das relações entre o léxico e a norma culta e também a constituição cultural e social do sujeito/aluno.

Assim, será considerada a instauração de pessoa, espaço e tempo, ou seja, as projeções da enunciação no enunciado, bem como a aspectualização, que se refere aos pontos de vista projetados no discurso. Dessa maneira, poder-se-á perceber o simulacro que o enunciador cria de si mesmo ao se “colocar” ou se “ausentar” no/do seu discurso.

Os procedimentos de análise devem considerar quais as escolhas lexicais para a produção textual, o uso da norma culta ou não, quais valores o sujeito possui e como o meio social influencia suas escolhas. Além disso, deve ser considerado o contexto e a posição-sujeito educando do 9º ano, último ano do ensino fundamental II, sob a pressão social de uma próxima fase da vida mais difícil e até com mais responsabilidade, a de escolher algo (uma profissão) para a vida toda.

Em contrapartida, esta pesquisa também pode levar a escola a refletir sobre uma nova abordagem para trabalhar com alunos dessa faixa etária e melhor direcioná-los para novas perspectivas no âmbito educacional e até mesmo para a vida, ampliando os seus horizontes, a partir do desenvolvimento de um maior senso crítico.

Com base nos anos trabalhados nesta escola, em especial (embora seja também visível em outras escolas) percebe-se que os estudantes do ensino médio são acompanhados de modo específico, com uma ênfase em prepará-los para uma vida acadêmica posterior, por meio do exame vestibular e Exame Nacional do Ensino Médio – o ENEM. Apesar de todo esse empenho, passa despercebido que o aluno que chega ao ensino médio é recém-chegado do 9º ano e está ali cheio de conflitos, pois são muitas as mudanças: o fechamento de um ciclo escolar

(ensino fundamental), a maioria mudando de fase na vida, outros já ingressando em uma vida profissional oportuna.

De acordo com Bauman (2005), quando abordamos a temática identidade logo pensamos em características próprias ou atribuídas ao sujeito por meio da relação com o outro. Nos dias atuais, essa relação entre sujeitos tem sido tão fluida, sem exigências espaciais ou temporais, que a identidade pessoal ganha certa opacidade, fazendo com que nos sintamos parte de um todo de costumes, hábitos e normas que não precisamos entender ou questionar, mas que devemos seguir cegamente. Espera-se essa isomorfia por parte do sujeito e quando ela não acontece há uma ruptura que gera no sujeito um descontentamento marcado pela diferença. O sujeito apresenta-se, assim, por meio da linguagem, a qual, por sua vez, estabelece essa relação e se concretiza na afirmação do que somos (identidade) ou do que não somos (diferença).

Os discursos produzidos pelos sujeitos/alunos do 9º ano do ensino fundamental II serão o objeto de estudo desta pesquisa bibliográfica e descritiva de abordagem qualitativa, pois buscaremos entender a constituição do sujeito através do discurso. Utilizaremos as produções textuais individuais, cuja temática os motive a indicar sua constituição social e cultural.

Espera-se, com essa pesquisa, apresentar um novo olhar sobre esse sujeito/aluno, sobre os estudos acerca da linguagem e discurso, da constituição cultural e social dentro do contexto escolar. Também buscar-se-á refletir sobre o uso da linguagem como prática social na representação do sujeito do 9º ano do ensino fundamental II, sobre a realidade na qual estão inseridos embasados pela teoria da Análise do Discurso, observando-se o discurso ideológico, ou seja, o que estes sujeitos consideram ideal.

No primeiro capítulo abordamos as teorias da Análise do Discurso que permeiam a pesquisa, no intuito de delimitar os caminhos para a análise do *corpus*.

No segundo capítulo, relacionaremos o *corpus* com a teoria discursiva de análise e refletindo sobre questões da constituição da identidade na pós-modernidade.

No terceiro e último capítulo trataremos da análise discursiva do *corpus*, considerando as teorias abordadas na pesquisa aplicadas ao texto do sujeito/aluno e suas concepções ideológicas, reveladas por meio do seu discurso.

## **CAPÍTULO I – REFLEXÕES TEÓRICO-DISCURSIVAS DE ANÁLISE**

O objetivo deste capítulo é discutir a teoria que orienta esta pesquisa, Análise do Discurso, abordando considerações a respeito da construção do sujeito, da identidade e da cultura, pois esses elementos são de grande relevância para o desenvolvimento do trabalho.

### **1.1 Análise do Discurso, seus fundamentos e conceitos**

A Análise do Discurso tem sua base na retórica clássica de Aristóteles, mas se firma na escola francesa de Michel Pêcheux nos anos 60 do século XX, tendo como objeto de análise o discurso político. A título de esclarecimento faz-se necessária uma breve explanação sobre o conceito de “discurso”. De acordo com Orlandi, a Análise do Discurso vai além de assuntos da língua em si e da gramática que a envolvem:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2009, p. 15)

Assim o discurso, para Análise do Discurso, não se trata de um ato isolado, preso às regras, muito menos individual.

Considerando Orlandi (2009, P.17), a Análise do Discurso (AD) tem por objeto o Discurso; sendo assim, seu interesse está em estudar “a língua funcionando para a produção de sentido”. Deste modo, pode-se analisar unidades além da frase, do texto, para a compreensão das construções ideológicas presentes no mesmo.

Pêcheux (1988), com suas críticas, passa a abrir novos caminhos para estudos acerca da linguagem e traz para esse campo novos conceitos, os quais abordaremos, de acordo com Orlandi (2001), alguns pertinentes a esta pesquisa:

- Assujeitamento Ideológico: consiste em fazer com que cada indivíduo, inconscientemente, seja levado a ocupar seu lugar na sociedade, identificando-se, assim, com grupos ou classes sociais.
- Autor: função social do sujeito que pode e deve ser definida pela escola, atravessada pela exterioridade e pelas exigências de coerência, não - contradição, etc.
- Condições de Produção: instância verbal da produção do discurso, determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente.
- Interdiscursividade: relação de um discurso com outros discursos.
- Interlocução: processo de interação entre os indivíduos os quais podem usar tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal.
- Sujeito: sob uma perspectiva discursiva, deixa de assumir uma noção idealista, imanente, o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente e interpelado pela ideologia, ou seja, não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.
- Forma sujeito: conceito criado por Pêcheux para indicar que o sujeito é afetado pela ideologia.
- Superfície discursiva: constituída por um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

Dessa forma, tem-se na Análise do Discurso uma das maneiras mais utilizadas para analisar discursos, sejam eles orais ou não, procurando-se sempre o maior número de possibilidades de sentido que assumem ou poderiam assumir, considerando sempre o sujeito, sua história, sua ideologia e o contexto social no qual está inserido.

## 1.2 Contribuições bakhtinianas para os estudos da linguagem

Em Bakhtin, o discurso é um fenômeno concreto, complexo e multifacetado, visto em diferentes aspectos. Conforme o autor:

[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtida por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 324)

Bakhtin confirma a língua como objeto da linguística, porém ressalta que a língua tem muitos atributos para ser objeto de uma só ciência e ser analisada apenas por seus meios. O autor considera que a língua, as palavras determinam boa parte do ser humano e, enquanto objeto da linguística, é apenas o material e nem mesmo a comunicação discursiva.

Observa-se na teoria bakhtiniana que a linguagem está em vários lugares e não está limitada a um fenômeno linguístico. Para ele, a linguagem é uma constante mediada pelo diálogo, por enunciados concretos que construímos na comunicação.

Já em relação ao sujeito, Bakhtin (2003) diz que ele se constitui no interior da heteroglossia e de sua dialogização, ou seja, através de uma realidade em que perpassam vozes sociais constantemente em múltiplas inter-relações dialógicas.

Deste modo, pode-se dizer que o sujeito, na teoria bakhtiniana, é constituído nas relações com outros sujeitos. Seguindo esse viés, nota-se que não é possível dissociar linguagem e discurso, isso se dá por meio da relação social que abrange cada sujeito.

Segundo Bakhtin (1929), *“a verdadeira substância da língua (é constituída) pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”*, pode-se dizer que um discurso nunca é individual: sempre haverá vozes de outros, as quais são parte de um contexto social. As pessoas se constroem nas práticas discursivas em que atuam, construindo-as e deixando-se construir por um sujeito.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (...). Mas essa comunicação verbal constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado (BAKHTIN, 1929, p.123).

Seguindo esse contexto de construções, deve-se considerar que todas as negociações e significados são dados em conjunto. Conforme Bakhtin, uma enunciação deve fazer parte de uma interação verbal, de um diálogo, do contrário, não possui significado. Logo, para que o sujeito tenha significado no mundo que o cerca, faz-se necessária a linguagem e dela constrói-se o discurso, produzindo significado.

O ápice da vida e o papel do sujeito, qualquer que seja o ser humano, é significar e significar-se dando sentido para o mundo. Assim, pela sua história social há a corporificação das imagens subjetivas do indivíduo. Esse movimento em Foucault são as novas formas de fazer a própria história de outras maneiras, uma busca de anular as resistências, as singularidades, as relações que se transformam a todo momento, às vezes nega-se até a própria identidade, por conta da alteridade acelerada; seria a construção de um mundo além do que se vive, inacabado, diluído a cada troca.

Deste modo, essas relações do sujeito com a linguagem e com o discurso estão o tempo todo caminhando juntas, produzindo sentido não só para si, mas também para aqueles com quem nosso sujeito se relaciona no dia a dia; até mesmo quando não faz nada, está produzindo sentido no outro. Esse olhar deve ser considerado na análise dos textos que compõem este *corpus*, pois, por se tratar de um grupo que caminha junto por um determinado período, partilha da mesma experiência e ocorre a troca de certa forma inconscientemente.

Pela linguagem e o meio social faz-se a interação entre os sujeitos, pois um determina e é determinado pelo outro. A linguagem não existe se não estiver em um contexto social; sem um sujeito ela não acontece e desta relação tem-se o discurso. Nas palavras de Bakhtin (1929), a linguagem é muito mais do que as palavras que dizemos ou escutamos, pois, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

De acordo com Bakhtin (2010, p.36), tudo é ideologia; somos cercados todos os dias por motivações ideológicas e a palavra, sem dúvida, constitui-se o símbolo ideológico de maior destaque. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo”. Deste modo, quando interagimos é por meio de signos, em uma tentativa de imposição de fatos ideológicos; assim, a consciência não pode derivar diretamente da natureza. Conforme Bakhtin (2010, p.35):

A consciência pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea [...] A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais.

Assim, podemos dizer que tudo contribui para a formação ideológica por meio dos efeitos de sentidos; não se pode estudar somente a linguagem sem considerar o sujeito e também considerando os signos interiores e exteriores.

É pelo discurso enunciado que a ideologia/valor do sujeito se manifesta; a identidade desse sujeito é construída no momento da enunciação com os elementos que o discurso dá; a detecção da identidade dá-se exatamente aí: ao pronunciar-se, o sujeito não se manifesta apenas a si mesmo, mas manifesta as regras de pronunciamento que o próprio pronunciamento tem. Subjaz todo um conteúdo ideológico que delinea essa manifestação, que desloca o sujeito de sua condição central e o submete à condição de um dos elementos da enunciação. Conforme Limberti (2009, p. 33):

Na manifestação da identidade, não ocorre uma substituição inconsciente de discursos, mas sim uma “seleção”, no interior do próprio discurso, do que vai ser dito e como vai ser dito. Tais “escolhas” são reveladoras, pois, tanto as formas discursivas eleitas quanto as excluídas são as marcas de sua subjetividade e, conseqüentemente, de sua identidade. Essas marcas são combinatórias de “escolhas” feitas pelo sujeito social que revelam seu modo de representar a realidade, a qual, da mesma forma, ele conforma de maneira própria e individual. Assim se delinea a identidade: pelo conjunto de características discursivas próprias, que

formam um conjunto de “escolhas” que significa tanto quanto o que se enuncia.

Percebe-se nas teorias bakhtinianas que o sujeito e a linguagem são indissociáveis e que cada grupo social tem seu próprio repertório. Em outras palavras, o mundo é dado a cada sujeito de uma forma diferente através da linguagem.

### **1.3 Das relações entre *Habitus*, campo social e sujeito**

Em Bourdieu (1994), o ponto que contribui para este trabalho está relacionado ao *habitus* e o campo, porém a teoria do autor não se resume a isso. “Para demonstrar que as tomadas de posição não são livremente formuladas pelos indivíduos nem são rigidamente determinadas por estruturas sociais, políticas, econômicas ou culturais” (BOURDIEU, p. 154), o autor vai além das estruturas pré-estabelecidas ao sujeito por suas convivências.

Cabe neste tópico explicar esses conceitos do *habitus* e o campo:

Habitus, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, 1994, p. 60-61).

Pode-se dizer conforme Freitas (2012, p.11) “que o *habitus* conecta ações objetivamente organizadas e com probabilidade de ocorrência compatível ao contexto, porém sujeitas a permanentes modificações e renovações nas condições materiais de experiência”. Deste modo, “o *habitus* é um sistema de disposições abertas diante de experiências novas, sendo ao mesmo tempo afetado por elas” (FREITAS 2012, P.11). No entanto, pode-se dizer que o *habitus* é dado como aquilo que está incorporado ao sujeito, que ele adquiriu ao longo de suas construções.

Ainda conforme Freitas (2012, p.12):

Com diferentes modos de engendramento, diante das dicotômicas estruturas da realidade (traduzidas pelos jogos de interesses entre as classes e grupos sociais), o *habitus* não é uma reação mecânica, mas um produto de condicionamentos, introduzindo nestes uma ação transformadora, por ser ele um sistema de disposições duráveis e transponíveis de uma relação de experiência passada a uma matriz de percepções, de apreciações e ações, com fim estruturante, reestruturante e reestruturador. O *habitus* é historicamente construído ao longo do tempo no seio das diferentes comunidades humanas tornando-se um elemento natural na vivência, que faz parte da cultura.

Nas palavras de Bourdieu (1994, p. 76), “enquanto produto da história, o *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, produz história em conformidade com os esquemas engendrados pela história”.

Desse modo, compreende-se que o *habitus* leva o sujeito a agir dentro de uma determinada estrutura social obedecendo sua forma organizacional, tornando-se assim uma prática conservadora.

Já o campo está relacionado ao meio social onde este sujeito está inserido, a sociedade além do *habitus* adquirido. Conforme Bourdieu, o campo é:

[...] Um lugar onde as posições dos agentes sociais são estruturadas conforme o *quantum* de capital social ou de poder simbólico que cada agente acumula ao longo de suas trajetórias sociais [...] no campo, os agentes sociais se dividem em dominantes e dominados em conformidade com o *habitus* e com o nível de seu capital ou poder simbólico (BOURDIEU, 1994, p.164).

Entende-se por campo o espaço social onde acontecem as ações, sejam elas individuais ou coletivas, caracterizando-se dentro de uma normatização dada a cada ação de forma que haja uma parte determinada e uma determinante conforme seus atores. Portanto, assim como os sujeitos, os campos também se relacionam entre si originando diferentes espaços sociais.

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU 2003, p. 179)

Com base nestas teorias, pretende-se desenvolver, neste trabalho, uma análise considerando sempre o discurso do sujeito, o meio social (o campo) e o quanto a estrutura influencia suas construções, linguisticamente falando.

#### **1.40 sujeito discursivo: sua constituição, historicidade e condição**

No ponto de vista da AD de acordo com Guerra (p.3):

O sujeito é dado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante está imerso. No entanto, esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso.

De acordo com Orlandi (2009), pode-se assim dizer que na constituição do sujeito do discurso, intervêm dois aspectos: primeiro, o sujeito é social, interpelado pela ideologia, mas se acredita livre, individual e; segundo, o sujeito é dotado de inconsciente, contudo acredita estar o tempo todo consciente. Afetado por esses aspectos e assim constituído, o sujeito (re) produz o seu discurso.

Assim, no ponto de vista discursivo, o que existe é a relação entre língua e objeto que é sempre atravessada por uma memória do dizer, e essa memória é a que determina as práticas discursivas do sujeito, ou seja, o dizer do sujeito é determinado sempre por outros dizeres.

Conforme Orlandi (2009, p. 45), para a Análise do Discurso, “o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo”. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do

outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados. Na relação entre o linguístico e o social, a enunciação passa a ser um fator relevante para a interpretação, para a constituição do significado. Aliado a esse fato, mobilizaremos uma reflexão de Pêcheux (1997), que afirma que a interpretação é um “gesto”, isto é, um ato no nível simbólico. É o lugar próprio da ideologia em que a interpretação é “materializada” pela história. Para Orlandi (1996, p.15), no espaço de interpretação, no qual o autor se insere com seu gesto – e que o constitui como autor – se dá sua relação.

Para Pêcheux (1988, p.159), o sujeito do discurso é quem ele realmente é, com todas as suas concepções impostas pelas relações sociais; a formação ideológica caracteriza um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.

Pêcheux (1988, p.168) define como forma-sujeito do discurso a resultante do processo de incorporação e, ao mesmo tempo, de dissimulação, pela qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui, absorvendo o interdiscurso no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito e, simultaneamente, os efeitos de intersubjetividade nos quais o sujeito se reconhece no discurso do outro.

De acordo com Fernandes (2008, p.3) O discurso do sujeito, segundo essa perspectiva, seria equivalente aos fenômenos de paráfrase e de reformulação de uma formação discursiva dada, na qual os diversos sujeitos se reconhecem entre si.

Desta forma, prossegue Pêcheux (1988, p.170), inspirando-se em Althusser, multiplicam-se as formas ficcionais pelas quais “o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo”, se obtém sobre o fundamento do desconhecimento da existência independente do real como exterior ao sujeito ao qual se refere o materialismo, pois a marca do idealismo se imprime mediante a subordinação da realidade ao pensamento, apagando-se a distinção entre pensar e imaginar, de forma que a realidade seja transposta pela ficção na forma–sujeito do discurso.

Assim somos levados à formulação de Pêcheux (1988, p.171), importante para nossa investigação, de que “a marca do inconsciente como ‘discurso do Outro’

designa no sujeito a presença eficaz do ‘Sujeito’”. De forma que ele tome a “posição” como sujeito do discurso, isto é, como sujeito da enunciação de seu ato de linguagem, dissimulando ao mesmo tempo a sua determinação pela ideologia, ou seja, a ficção de um sujeito originário desse ato.

Deste modo, pode-se afirmar que é o Sujeito quem fala nos sujeitos interpelados pela ideologia, reduzidos a parafraseá-lo em sua ilusão de autonomia, evocando-se dessa forma o problema constituído pela intenção de um ato de fala, bem como da “consciência como poder sintético unificador” que organiza as representações de um sujeito, presente no “mito idealista da interioridade” (PÊCHEUX, 1988 p. 172).

Conforme Orlandi (2007), a constituição do sujeito na análise discursiva se realiza quando o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, só assim é possível se produzir o dizer. A partir disso, observa-se que sem ideologia o sujeito não se constitui. Na teoria discursiva, a ideia de sujeito que se considera é que ele se constitui porque é atravessado pela linguagem e pela história, no modo imaginário, e só tem acesso a parte do que diz. Esse sujeito da análise de discurso é materialmente dividido desde sua constituição:

[...] ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos, ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2007, p. 49).

Orlandi (2007) ressalta, ainda, em relação à constituição do sujeito na análise de discurso, que é a forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual que demonstra a contradição: consiste em um sujeito que ao mesmo tempo é livre e é submisso (é livre para dizer, mas submisso à língua para sabê-la). Na AD esse fenômeno se chama assujeitamento. Através da noção de determinação o sujeito gramatical cria um ideal de completude participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz.

Sendo assim, o sujeito discursivo se constitui pelo inconsciente e pela ideologia o que está relacionado à produção de sentido. Para compreender questões

sobre a identidade faz-se necessário entender algumas questões sobre a ideologia no discurso.

Sabe-se que a de acordo com Guareschi (1997, p.166) que “primeira concepção de ideologia apareceu nos trabalhos de Marx com um sentido negativo, i para ele a ideologia distorcia e desfigurava a contradição entre forças e relações de produção”. Depois de debates iniciado pelos teóricos marxistas, a ideologia foi retratada como a totalidade de formas da consciência social e foi expressa pelo conceito de superestrutura ideológica deixando de ser tradicionalista.

De acordo com os estudos e teorias sobre a ideologia, ela está sempre relacionada a valores e símbolos, que provocam a produção de sentido.

A ideologia é uma atualização ou busca constante de valores e a estrutura actancial que a informa deve ser considerada como recorrente em todo discurso ideológico. Ela promove – por ser recorrente – a repetição de ocorrências identificáveis entre si, no interior de um processo sintagmático, de maneira significativa, regularidades capazes de servir para a organização do discurso enunciado. (BRUMATTI, 2007 p.40)

Em Brandão (2011, p.11), confirmamos que “a linguagem enquanto discurso é interação, e é um modo de produção social [...] por isso se torna lugar privilegiado de manifestação da ideologia”. O discurso do sujeito é impulsionado pelo convívio social atravessado pela ideologia. Nesta mesma linha apresenta-se a percepção de Barros (2002, p.149):

Ideologia está sendo entendida como visão de mundo. Não se ignora, porém, a outra concepção, igualmente fundamental, de ideologia, como falsa consciência, isto é, como criação de ilusão ou como ocultamento da realidade social. (BARROS 2002, p.149)

Desse modo, entende-se que a ideologia está relacionada diretamente às classes sociais, conforme Barros (2002, p.149) “[...] de suas condições de existência, de suas práticas, de suas lutas, e os aparelhos constituem a forma pela qual a ideologia da classe dominante se realiza” e assim se torna ‘modelo’ para as

classes menos favorecidas que sonham com condições melhores de vida. Sabe-se que a língua dita muito da ideologia do sujeito.

Conforme Kock (1997, p. 9) há três concepções de linguagem: como representação (“espelho”) do mundo do pensamento; como instrumento (“ferramenta”) de comunicação; e como forma (“lugar”) de ação e interação.

Segundo a revista gestão universitária (2014) diz que:

A primeira concepção seria a representação do mundo,; sendo assim, a realidade a qual nos cerca e aquilo que pensamos sobre a mesma. A segunda seria uma linguagem centrada na comunicação, isto é, a linguagem serviria apenas para transmitir mensagens, em que precisaríamos apenas de um emissor e um receptor, o que de fato não é tão simples. Já na terceira concepção a linguagem vem como fruto de uma interação entre enunciador/enunciatório, não só como representação do pensamento mas também como processo de comunicação, fundamental para a interação, o que está ligado ao contexto sócio-histórico-ideológico do qual esse sujeito está inserido.

No entanto das três concepções apresentadas, a que dialoga com a Análise do Discurso é a terceira, onde o sujeito interage através da linguagem, pois considera o lugar de onde estão falando, as imagens que os interlocutores têm de si e dos outros.

A evolução da humanidade se dá pela linguagem. De acordo com Lopes (1976, p.77) “a língua é um bem social” por estabelecer relações físicas, fisiológicas e psicológicas. Ainda que recebendo a língua como algo pronto para si, o sujeito está sempre em busca de uma nova construção.

A linguagem é muito importante para a formação e constituição do sujeito e se dá por meio de atos simbólicos no interior das práticas sociais. Conforme Matêncio (2007, p. 55), “a língua e as demais formas de manifestação da linguagem são instrumentos forjados, historicamente, nas interações sociais”. E é através de relações sociais que acontecem diariamente nas realizações linguísticas e por meio de processos interacionais, ou seja, com os ciclos de convivência, que vamos criando ao longo de nossa vida, transformamos nossa competência na língua.

O desenvolvimento da consciência envolve a interação com os valores mobilizados por uma sociedade: nossa consciência emerge e se desenvolve na medida em que interagimos com (e absorvemos) os valores que deverão determinar nossa vida e nossos comportamentos nas sociedades nas quais vivemos [...]. Assim, a apreensão e elaboração do pensamento intelectual não acontecem isoladamente, sem levar em conta os impulsos, as tendências, os desejos, as impressões e as imagens idiossincráticas da percepção do mundo que nos rodeia. (PINTO, 2007, p. 114-115)

Deste modo, pode-se dizer que, conforme as interações sociais ocorrem impulsionadas pela linguagem; aquilo que o sujeito já tem previamente se constrói sócio-histórica e interativamente. Assim, podemos dizer que a linguagem se desenvolve coletivamente, pois é no outro e para o outro que ela se constitui.

De acordo com Marcushi (2003) é no coletivo que se constrói o conhecimento e nunca individualmente. Pela linguagem seremos sempre um ser sócio histórico. Essa produção é sempre ilimitada, é a construção do sentido que dá ao sujeito o papel de construtor de si e da realidade.

Por fim, elencamos a concepção de Benveniste (1989, p. 63), segundo o qual “[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade.” Para ele, o social pertence ao homem (sujeito) e também à natureza não vendo uma possibilidade de separação.

Para Benveniste (1989, p. 222) “antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.” Ele vai além com suas concepções acerca da linguagem e afirma que ela faz parte da cultura do indivíduo e também opera a língua e o discurso; sendo assim, é na linguagem que o sujeito se torna um ser social.

No contexto linguístico e teorias afins muito se discute sobre língua e discurso, assim como também em outras áreas. Pretende-se aqui ressaltar a diferença entre língua e discurso, considerando que ambos são partes da linguagem, no contexto social enquanto objeto.

A língua por si nos é dada e corporificada à medida em que a vamos adquirindo. Ela é organizada em sistema de sintagmáticas e paradigmáticas, que se remetem diretamente à visão de mundo de cada um, considerando as unidades fonológicas, morfológicas, semânticas, de ordem gramatical ou lexical, que levam à formação de um conjunto de regras que incorporam sentido.

Já o discurso é visto como a parte prática da ação da língua, que não possui sistema próprio. Essa prática, porém, da estrutura ao uso da função e às condições de produção nas quais esses usos se manifestam, dão sentido a prática do sujeito falante, às vezes até molda, características próprias do indivíduo ou do grupo no qual está inserido. O discurso diz muito do sujeito e suas convicções e crenças.

Na teoria de origem de língua e discurso há duas formas linguísticas: a linguística da língua, que tem o sujeito como operador cognitivo, e a linguística do discurso, que constrói sentido significando um imaginário social.

Deste modo, a linguística da língua torna-se fechada, não tendo espaço para (re) significação enquanto que a discursiva trabalha de forma mais aberta, dando espaço para as construções sociais.

O discurso não é geral como a língua (ou a competência) nem individual e a-sistemático como a fala (ou performance). Ele tem a regularidade de uma prática, como as práticas sociais em geral. (ORLANDI, 2005, p.62)

Mesmo apresentando diferenças, língua e discurso se complementam, pois mesmo parecendo o discurso oposto ele precisa da língua para se concretizar. Conforme Orlandi (2005, p.60), “as chamadas condições de produção de discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto histórico-social (ideológico)”.

Ideias complementares a essas apresentam-se em Foucault, um grande intelectual francês do século XX que enriqueceu a filosofia ao abordar os saberes, e também contribuiu para as ciências da linguagem, sem esquecer outros teóricos que contribuíram para o progresso da teoria foucaultiana, no intuito de adentrar este

complexo universo da linguagem que nos leva ao discurso e direcionando para a construção do sujeito.

Compreender sobre o fenômeno humano e a sua relação com o mundo através da linguagem, e como se dá essa relação no contexto do discurso. Relacionando a noção de sujeito, linguagem e discurso, também, assim como se constrói essa relação. Foucault, em seu livro “As palavras e as coisas” (1967) afirma que o sujeito não é aquilo que dá sentido ao universo (pela angústia de sua liberdade); o sujeito apenas se limita a realizar possibilidades já inscritas em códigos tão inconscientes quanto as regras gramaticais. (Apud. PEREIRA, 2011)

Um sujeito em contraposição ao existencialismo situa-se, no estruturalismo a partir daquilo que o procede, considerando as condições necessárias ao conhecimento.

Seguindo a proposta do mesmo livro, ‘As palavras e as coisas’, Foucault discute, em grande parte, a linguagem, que para ele é a parte principal das ciências humanas pelo fato de representar a natureza humana. O autor, mostra através das ciências humanas, uma possibilidade de reflexão do homem diante de si mesmo, ou seja, observar-se por meio da linguagem e observar aquilo que lhe é dado a conhecer. Assim, tece-se essa relação entre a linguagem e o sujeito; pela linguagem o homem conhece a si e ao mundo, tem noção da sua condição através do pensamento, de sua finitude.

A linguagem é o único meio do homem para chegar ao conhecimento do homem enquanto sujeito, pois entre as palavras e as coisas há a linguagem e por ela este sujeito é enunciado e também se torna o enunciador. Em Foucault, vê-se essa relação do homem com a linguagem:

Mas pode ser também que esteja para sempre excluído o direito de pensar ao mesmo tempo o ser da linguagem e o ser do homem; pode ser que haja aí como que uma indelével abertura de tal forma que seria preciso rejeitar como seria preciso rejeitar como quimera toda a antropologia que pretendesse tratar do ser da linguagem, toda concepção da linguagem ou da significação que quisesse alcançar, manifestar e liberar o ser próprio do homem. (FOUCAULT 2007, p.46)

Impossível falar de sujeito sem relacioná-lo com a linguagem, pois é por meio dela que se permite ao sujeito (homem) a ordenação e a representação do pensamento, sem a linguagem o sujeito não teria acesso ao conhecimento do mundo e de si mesmo.

Em Foucault (2007), os seres humanos tornam-se sujeitos, ou seja, o indivíduo moderno viabiliza sua história. Ele discorre sobre isso em duas vertentes: com a primeira diz dos processos disciplinares que tendem a tornar o homem disciplinado; com a segunda refere-se aos processos que fazem do homem um sujeito preso a uma determinada identidade que lhe é dada como sua. Deste modo, pode-se dizer que a constituição do sujeito moderno se dá por meio dos mecanismos de objetivação e subjetivação, os quais não tem um único sentido podendo divergir em alguns fenômenos.

Para Foucault o sujeito não tem uma essência histórica, nem o primeiro em todas as coisas para a construção dos outros conceitos para a formação do seu pensamento, o que levaria a sua “liberdade”; em outras palavras o sujeito é ativo pleno de si. Porém, é preciso enfatizar que o sujeito nasce das relações de poder, pode-se afirmar que esse é um enunciado social.

O ser humano, em contato com a língua, torna-se o sujeito: ele é incompleto por si só, e a condição da linguagem é essa falta no ser humano. Muitas das realizações linguísticas que acontecem no nosso dia a dia são construídas por meio de nossa competência na língua e vão se constituindo ao longo da convivência durante a nossa vida; vamos atuando como agentes de uma ação social natural. Neste sentido, pode-se dizer que o ser se constitui na relação com o outro e, por ser incompleto, essa relação se dá por meio da língua em uso.

O homem se desenvolve segundo suas relações de convivência e vai internalizando, por meio da linguagem, o que determina quem ele é, ou seja, quanto mais se relaciona como outro, mais aumenta o seu conhecimento de mundo. Desta forma, pode-se dizer que a linguagem está além de um código fechado e sim uma atividade que exige elementos externos movidos pela cultura, pela história, pela interação e pela cognição. Ao se considerar esses fatores, a linguagem deixa de assumir uma parte interna da língua, assumindo assim relação com o mundo externo, formando uma base para a formação e o caráter do sujeito.

Em “As palavras e as coisas”, as escolhas de Foucault deixam claro que para ele o sujeito e a linguagem são inseparáveis, dando ao homem uma visão de sujeito do conhecimento, e a partir dessas muitas outras maneiras de ver a si, e ver o outro e o mundo e suas multifaces.

## **CAPÍTULO II – DAS QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE**

Neste capítulo faremos uma abordagem sobre o conceito de identidade, o sujeito na pós-modernidade e as teorias da Análise do Discurso que permeiam o *corpus* desta pesquisa.

### **2.1 Esboço de uma teoria sobre a identidade**

Identidade foi um termo primeiramente conceituado pela Filosofia, mas para este trabalho cabem as discussões em torno da Sociologia. De acordo com Meirelles (2012, p. 4), o conceito contemporâneo de identidade passa a ter caráter diferenciado em relação à identidade iluminista e sociológica, uma vez que desarticula estabilidades e, ao mesmo tempo, possibilita novas formas de se conceber as identidades – identidades abertas, contraditórias, plurais, fragmentadas e descentradas.

É nesta perspectiva que Hall (2006, p.8) abandona a visão essencialista e unificada do sujeito, endereçando a discussão para a identidade como um processo complexo, móvel, dinâmico, performático, contraditório, marcado por conflitos e relações de poder da sociedade.

Abordando a temática da constituição da sociedade, percebe-se que a mesma é constituída de paradoxos e paradigmas dados para a legitimação de poder. A relação de poder entre as classes dominantes e dominadas legitimam a soberania da hegemonia e da ideologia, considerando as formas de identificação e racionalização da consciência do sujeito. Sabe-se que essas relações de poder fazem parte do caráter constitutivo social e que cada sujeito tem suas necessidades e depende da representatividade na qual está inserido, amparado por seus valores sociais e subjetivos conforme seu conhecimento de mundo.

Conceituar ou discutir o termo identidade ou tratar da constituição da identidade e da sociedade é de fato uma tarefa paradoxal, considerando alguns

autores como Bauman, Castells, Giddens, Hall, entre outros, dos quais abordaremos as teorias mais relevantes.

Hall (2006, p. 10) propõe três concepções de identidade, as quais ele atribui aos sujeitos: iluminista, sociológico e pós-moderno. A primeira concepção, iluminista, foi definida como individualista, considerando que o sujeito, ao longo de sua existência, não evoluía, pois permanecia essencialmente o mesmo, ou seja, um sujeito com sua identidade centralizada no 'eu' dotado de razão, consciência e ação.

O conceito sociológico considera o sujeito ainda sem autonomia, formado e modificado por culturas exteriores, formando uma identidade cultural, tornando assim o sujeito unificado à estrutura. Em outras palavras, um sujeito construído entre o 'eu' e a sociedade.

E a terceira concepção está ligada ao sujeito pós-moderno, que não se prende a uma única identidade e sim a várias, às vezes contraditórias ou mal resolvidas; assim esse sujeito não tem identidade fixa e essa "Identidade torna-se celebração móvel, formada e transformada" (HALL 2006, p. 11-12).

Deste modo, pode-se dizer que o sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes. Para Hall (2006, p.13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Seguindo a mesma linha de Hall, no sentido de pensar o caráter de instabilidade e descontinuidade da identidade, tem-se em Signorini (1998, p.333) o conceito de que é preciso "afastar-se da problemática da substância, ou da essência – o sujeito-fundamentado, centrado e homogêneo da tradição filosófica [...] para tratar da identidade no nível da forma, ou no nível do simbólico".

Hall (2006, p.21) afirma que o sujeito possui múltiplas identidades: identidades contraditórias que se cruzam e se deslocam mutuamente, sendo que a

identidade muda a depender da forma como o sujeito é interpelado ou representado, “a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2006, p.75).

Com esse olhar, compreendemos que o estudante do 9º ano está em formação e, de acordo com Meirelles (2012, p. 6), constrói sua identidade num movimento descontínuo, marcado por rupturas, fragmentações e deslocamentos, sendo, portanto, interpelado não apenas por um centro de poder, mas por uma pluralidade de centros de poderes, não apenas por uma formação discursiva, mas por diferentes vozes.

Dentre os outros conceitos sobre identidade, não poderíamos deixar de citar Bauman (2005, p.17), quando diz:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.

O autor reconhece, ele mesmo, não ter tido essa consciência a menos que tenha sido posto em discussão ou questionada, ou seja, não somos conscientes do que somos e de por que somos.

Seguindo o mesmo raciocínio, Bauman (2005, p.19) afirma que, “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. E ele vai além dessa inconstância do sujeito em relação à identidade: dá a esse assunto importância e evidência, despertando o olhar dos sociólogos. A construção da identidade, no entanto, se dá constantemente, o sujeito pode estar sempre mudando, basta querer ser “outra coisa além de você mesmo” (Bauman, 2005, p.25).

Pode-se dizer que as identidades vão se formando no cotidiano, pelas práticas sociais ou pelo discurso. Cada sujeito imerso em sua cultura e outras que o circundam é levado a construir seu perfil identitário.

De acordo com Bauman (2005), a identidade se tornou fundamental no mundo hoje e deixou de ser herança. Nos dias atuais cada indivíduo cria sua própria identidade e se reinventa, dia após dia, com estilo de vida diferente considerado “ideal” pela sociedade, a qual é chamada por Bauman de ‘sociedade líquida’ que muda facilmente é vulnerável a qualquer ‘modinha’.

A diferença e a identidade “tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas.” (SILVA 2000, p.73) Conforme Woodward (2000, p.11) “a identidade é marcada pela diferença”, deste modo a identidade constituinte do sujeito se mostra através daquilo que o difere ou o torna parte de um grupo. A identidade e a diferença caminham juntas, “resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”. (SILVA 2000, p.81)

Deste modo, Silva (2000, p.76) propõe:

Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Neste contexto pode-se dizer que a identidade e a diferença “são resultados de atos de criação linguística” (Idem)

Com base na abordagem teórica em torno de identidade e diferença, tem-se a pretensão de delinear, neste tópico, como se dá a construção da identidade pela marcação da diferença. Conforme Woodward (2000, p.40):

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas

características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles, eu/outro.

Assim, a diferença marca a identidade e há uma relação de dependência simbólica e social com os sistemas classificatórios e os significados são produzidos por meio de um princípio de diferença.

Woodward (2000, p.13-15) aponta alguns aspectos propostos por Michael Ignatieff sobre a construção da identidade pertinentes aqui, já que estamos tratando deste processo que envolve a construção da identidade.

No primeiro ponto abordado, trata-se da necessidade de conceitualizar como a identidade funciona e dividir em dimensões, pois precisamos de conceitualizações. Mostra que “a identidade é vista como fixa e imutável” quando presa a um grupo identitário, o que é posto por “reivindicações essencialistas. As quais, às vezes, estão “baseadas na natureza (identidade étnica), na raça e nas relações de parentesco” e frequentemente “em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como verdade imutável”. (idem, p.13)

A identidade também é marcada pelo social e pelo simbólico: o social está diretamente ligado às relações sociais, o que diferencia os grupos e isso se dá através do simbólico, o que de fato dá “sentido a práticas e relações sociais”, independentes, porém necessárias para “construção e a manutenção das identidades”. (idem, p.14)

A diferença que marca também pode gerar conflitos entre o que é ou não é, colocar todos no mesmo patamar, omitindo as diferenças de classe e também de gênero. Sabe-se, No entanto, que “as identidades não são unificadas” (idem, p. 14) e que em uma sociedade os sujeitos possuem dois níveis: o coletivo e o individual.

Woodward explica que a identidade é assumida pelo sujeito através do que lhe é posto pelo simbólico e pelo social e que esses dois pontos são essenciais para a “conceitualização da identidade”. (idem, p.15) Esses elementos, além de formar a identidade, também a mantêm. No que tange à diferença, Woodward afirma:

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é. Essa construção aparece, mais comumente, sob a forma de oposições

binárias. A teoria linguística saussureana sustenta que as oposições binárias – a forma mais extrema de marcar a diferença – são essenciais para a produção do significado. Esta seção analisará a questão da diferença, especialmente a sua produção por meio de oposições binárias. Essa concepção de diferença é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades... (WOODWARD, 2000, P. 50)

“A diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos” (WOODWARD 2000, p.68), pois através dela a identidade é marcada dando sentido às escolhas do sujeito que a assume.

Tanto a identidade quanto a diferença são impostas e há entre elas uma relação de poder, ou seja, elas são disputadas. Conforme Silva (2000, p.81):

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Assim, pela disputa pelo poder temos a diferenciação que é o eixo central que move essa relação, surgindo aí as marcas da presença do poder como incluir e excluir, classificar, demarcar fronteiras entre outras. Ainda segundo Silva (2000, p.83) “a identidade e a diferença ordenam-se, todas em torno da oposição”, aquilo que somos está diretamente relacionado com aquilo que não somos.

O que somos está relacionado à identidade porque nós a assumimos de forma que parece que ela nos constitui, assim também acontece com as diferenças “só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade” (Silva, 2000, p.75) Deste modo, pode-se dizer que a diferença também é marcada pela identidade.

Assim, temos que a identidade e a diferença não são dependentes entre si, porém “são estreitamente dependentes da representação” (Idem, p.75). Desta

forma, quando questionamos a identidade e a diferença estamos questionando os sistemas de representação “que lhe dão suporte e sustentação” (Silva, 2000, p.91)

Portanto, a construção da identidade se dá pelas apropriações que os sujeitos tomam para si, e essas são marcadas por escolhas dadas à diferença e que, juntas, produzem a representação simbólica dando significado às relações sociais.

Conforme Woodward (2000, p.40), a identidade não só é marcada pela diferença como “depende dela nas relações sociais, por meio de classificações simbólicas e sociais, atribuindo o simbólico ao cunho religioso e o social àquilo que é cultural”, classificados pela diferença, a qual tem marcado o novo modelo de identidade constituído no sujeito pós-moderno, que trataremos no próximo tópico.

## **2.2 A identidade na pós-modernidade**

Sabe-se que a palavra identidade atribui qualidade àquilo que é idêntico, segundo o dicionário Aurélio (p.371), e de acordo com Santos(1994, p.120) “o primeiro nome moderno da identidade é subjetividade”, que leva à constituição do eu, ou seja, “a compreensão que temos sobre nosso eu”. (WOODWARD 2000, p.55)

Hall (2006, p.7) discute em seus estudos que “as velhas identidades estão em declínio” fazendo com que surjam novas identidades, mas isso vem acontecendo de forma tão rápida que tem fragmentado o sujeito moderno, dando espaço à chamada “crise de identidade”. O que antes era segurança para o indivíduo hoje já não é mais.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL 2006, p.9)

Essas transformações ocorrem no sujeito e também no seu mundo social e cultural, e em meio a tanta mudanças, internas e externas, o indivíduo acaba entrando em crise. Nas primeiras discussões em torno do termo “identidade”, preocupavam-se em relacionar a identidade à nacionalidade do indivíduo, pois era importante impor uma relação entre o sujeito e o território onde se encontrava, o que para o indivíduo não era necessário, pois tratava-se de suas origens e suas relações sociais.

Essa ideia de crise tomou conta do sujeito pós-moderno após o final do século XX. Deste modo, ao se ver como descentrado, o indivíduo pós-moderno encontra uma firmeza, ainda que paradoxal, acerca de sua própria crise de identidade. Conforme Hall (2003, p.12), "a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura".

As novas (várias) identidades são, por vezes, contraditórias. A nova concepção do sujeito se caracteriza pelo provisório, variável e problemático, alguém como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Conforme afirma Hall:

Considerar a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2006, p.13)

Essa inconstância provoca na vida do sujeito muitas mudanças, causadas pela falta de um centro organizador, no entanto não leva a uma total desintegração, pois os novos vários centros podem ser, no seu conjunto, articuláveis. O deslocamento do sujeito, marca do período pós-moderno, tem certo caráter positivo, pois o que desestruturava as identidades estáveis ao mesmo tempo em que questionava as estabilidades agora proporciona as novas identidades. De acordo com Stuart Hall:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (2006, p.21)

Já com a criação do estado moderno, começam as mudanças para os sujeitos que antes tinham uma relação de proximidade, pois passam a se deslocar do lugar a que pertenciam. De acordo com Bauman (2005, p.26):

[...] o nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania nacional. Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade [...]

Desse modo, a identidade nacional era de interesse do Estado com o intuito de protegê-la e manter o poder; mas diante de tantas mudanças, as preocupações com relação à identidade nacional ficaram pequenas. Na sociedade pós-moderna as transformações chegaram ao comportamento do sujeito.

Pensar no que somos está diretamente ligado ao mundo em que vivemos. Nesse contexto de sociedade pós-moderna, não existe o sujeito singular, pois está sempre sendo determinado por situações externas. Hall (2005) defende que as velhas identidades deram lugar às novas identidades, trazendo ao sujeito pós-moderno uma certa fragilidade e deixando esse sujeito, antes visto como singular, agora heterogêneo e plural.

Na era da globalização deparamos com um sujeito vulnerável e cheio de lacunas como a carência, as dúvidas e também repleto de urgências. Vivemos em um mundo que mascara essas lacunas que estão ligadas ao outro. Um dos fatores que muito contribuiu para este estágio do sujeito são as mídias, que nos passam na maioria das vezes um mundo mascarado pela perfeição, o que Bauman (2005) chama de sociedade líquida.

E essa 'nova' sociedade apresenta também um novo sujeito ansioso por uma identidade como forma de segurança dentro dessa sociedade estável, conforme aponta o sociólogo:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, "nem-um-nem-outro", torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquida-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, "estar fixo"- ser "identificado" de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN 2004, p.35)

Essa relação no campo não real tornou-se parte do cotidiano do sujeito pós-moderno de forma inevitável, de modo que quem não faz parte é chamado de ultrapassado, como aponta Bauman (2005, p.100):

Hoje em dia, nada nos faz falar de modo mais solene ou prazeroso do que as "redes" de "conexão" ou "relacionamentos", só porque a "coisa concreta" — as redes firmemente entretecidas, as conexões firmes e seguras, os relacionamentos plenamente maduros — praticamente caiu por terra.

O sujeito pós-moderno apresenta-se de diferentes formas e fragmentado, a cada realidade é dado um novo sujeito e essas mudanças são constantes - os chamados jogos identitários.

De acordo com Woodward (2000), a vida moderna é tão complexa que exige do sujeito uma mudança constante, exigindo que assuma diferentes identidades. Assumir essas identidades pode gerar conflitos, pois as identidades sofrem interferência umas das outras e também das normas que regem a sociedade e quando essas normas são quebradas o sujeito é dado como estranho. As identidades são negociadas e construídas a todo o momento pelo sujeito.

De acordo com Bauman (2005, p.35), “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas”. Esse sujeito totalmente flexível, da modernidade líquida, permite novas identidades ou transformam as já existentes.

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 22)

De acordo com essa afirmação de Bauman (2005), percebe-se que o sujeito não é livre e está o tempo todo cercado por acontecimentos sociais. E as transformações não acontecem por acaso, mas sim por muito esforço por parte do sujeito para se reinventar a cada situação proposta.

No entanto, os novos modos de vida propostos pela sociedade moderna não mudaram somente o rumo das discussões sobre identidade, mas também deu espaço para as identidades múltiplas que permitem que os sujeitos lutem por ideais dados pela sociedade moderna como se fossem seus. Com tanta vulnerabilidade, são possíveis novas abordagens sobre o assunto.

A relação com o outro a cada dia que passa está mais difícil de ser mantida porque a modernidade trouxe algumas consequências para o cotidiano do sujeito. De acordo com Giddens (1991, p.27)

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face.

O autor chama isso de consequência da globalização e da modernidade, tratando-a, assim, como um deslocamento social do sujeito, sem a necessidade do face a face.

Todos esses aspectos que cercam as discussões sobre identidade são marcados pela diferença, dando origem a outras vertentes sociais, próprias da identidade de cada sujeito como, por exemplo, o multiculturalismo. Tanto a identidade quanto a diferença são produzidas pelo sujeito. De acordo com Silva (2000, p.76):

Além de serem independentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos da criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social.

Assim, “como ato linguístico, a identidade e a diferença estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral”. (SILVA, 2000, p.77)

De acordo com Silva (2000, p.96), a identidade na pós-modernidade é vulnerável:

[...] identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada.

Deste modo, a identidade não é dada estaticamente ao sujeito e sim construída das mais diversas formas possíveis de acordo com sua percepção social e cultural do mundo. Dadas as condições atuais para o sujeito de um mundo moderno globalizado, muitos são os estilos de vida apresentados aos sujeitos, o que faz significar que são obrigados a escolher um dado estilo de vida.

Conforme Giddens ( 2002, p.79):

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque forma material a uma narrativa particular da auto-identidade.

Essas práticas estão relacionadas ao cotidiano do sujeito e podem ser mudadas rapidamente por uma escolha das coisas mais simples da vida como vestimenta, alimentação, lugares para conhecer, enfim, coisas que ditam regras para a reconstrução do eu.

Como já vimos, as sociedades da modernidade caracterizam-se pela diferença que já abordamos anteriormente e “atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais” (HALL 2006, p.17) criam várias posições de sujeito, ou seja, identidades. O que contribuiu para o surgimento de vários tipos de identidade é a globalização que impactou o mundo atual; o imediatismo tomou conta do sujeito levando-o a ser o sujeito pós-moderno.

O sujeito pós-moderno é caracterizado por um processo de descentramento do sujeito, que Hall (2006) aponta em cinco formas. A primeira descentração “refere-se às tradições do pensamento marxista” (Idem, p. 34) e que a ação do indivíduo só poderia ocorrer “com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram” (Idem, p. 35), totalmente dependente de suas gerações anteriores.

O segundo descentramento Hall (2006), “vem da descoberta do inconsciente por Freud” (p. 36) e da ótica de Lacan, segundo o qual o sujeito é formado inconscientemente “sempre dividido ou partido”, porém “vivencia sempre sua identidade como se ela estivesse unificada.” (p.38) Assim, “ a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (p. 38) Assim, ressalta Pereira (2011):

O Outro (ou Grande Outro) da cultura representa as condições, a situação formadora e desafiadora que, continuamente, interpela o sujeito acerca de suas vontades e ações: *che vuoi?* - uma das máximas lacanianas que leva o sujeito a estar continuamente

voltando-se para uma cadeia de significantes que lhe permitem certa identificação com seus pensamentos e ações.

O terceiro descentramento está associado a Ferdinand de Saussure, que "argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os 'autores' das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua" e que a "língua é um sistema social e não um sistema individual" (HALL 2006, p.40). Para este descentramento Pereira (2011) pondera:

O indivíduo falante nunca pode fixar um significado de forma final, ou seja, ele próprio não domina os efeitos de sentido de sua fala e, por extensão, nem mesmo de sua identidade. A noção de *margem* aparece como que delineando a fala, como a marcar a existência de um antes e um depois da língua. Não há como centrar a fala, pois o significado permanece inerentemente instável a qualquer conformação de sentido do próprio sujeito.

O quarto descentramento refere-se ao trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault, o qual intitula este estudo de poder disciplinar, que tem por objetivo "manter as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidade e os prazeres do indivíduo" (HALL 2006, p. 42) sob controle. Deste modo, o sujeito está sob a vigilância das instituições do século XIX.

O último e quinto descentramento apontado por Hall "é o impacto do feminismo". (2006, p. 43). Dos cinco descentramentos, este talvez venha a ser o mais importante, pois, conforme ressalta Pereira (2011), "favoreceram o enfraquecimento e o fim da classe política e das organizações políticas de massa a ela associadas, levando vários movimentos sociais à fragmentação".

Assim, os movimentos foram ganhando força em defesa dos seus. E isso "veio a ser conhecido como a política de identidades – uma identidade para cada movimento." (HALL 2006, p. 45)

Conforme atesta Bauman (2004, p.56):

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluídos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob influência até mesmo das menores forças.

Deste modo, o sujeito sofre influências de todos os lados onde ocorrem as mudanças constantes de forma ‘liquida’.

As concepções em torno do conceito ou do que vem a ser identidade do sujeito são amplas e envolvem o indivíduo na totalidade, dando abertura para discussões que estão longe de cessar, pois os interesses da humanidade têm mudado muito rápido.

### **2.3 Discurso, práticas sociais e sujeito**

Este tópico será desenvolvido embasado em teorias do discurso que contemplam os anseios da pesquisa. Conforme Orlandi (2006, p.26), autora cujos preceitos teóricos são tidos como base para desenvolver a análise do *corpus* desta pesquisa:

A Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por essa vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.

No que tange ao sujeito e às questões ideológicas apresentadas nos textos a serem analisados enquanto *corpus* desta pesquisa, buscar-se-á identificar em seus discursos aspectos da constituição identitária do sujeito através do sentido expresso discursivamente, a fim de verificar como eles a constroem.

De acordo com Orlandi (2005, p.16), a “AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”; assim temos a linguagem como prática social, a língua como um fenômeno dialógico e o sujeito neste processo está inserido em um contexto sócio-histórico, dialogando com o que é externo.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2005, p.16)

Para a AD, enquanto teoria de entremeio que busca entender o funcionamento dos processos de significação, no processo de análise é necessário expor o extralinguístico. Assim, tomaremos a linguística e a história como as ciências humanas que buscam estabelecer uma relação com a produção de sentido. Para tanto, faz-se necessário teorizar acerca de alguns fundamentos que se referem às concepções de língua(gem), com o intuito de entender sua relação com a história, a ideologia e o sujeito.

A Análise do Discurso propõe discussões sobre as concepções da língua como um sistema que funciona por meio dos sujeitos, mas que se ocupa de expor a língua na relação histórica e linguística na produção de sentido. Estabelece-se, assim, outro objeto de estudo, o discurso, o qual é de suma importância para esta pesquisa, onde trataremos dos discursos de alunos do 9º ano de escola pública, observando a relação dos aspectos linguísticos com os histórico-ideológicos.

Pêcheux (1988) propõe a articulação de três regiões do saber: o materialismo histórico, para um entendimento de como se efetivam os processos sociais e as transformações das formações sociais; a Linguística, enquanto lugar de reflexão sobre a língua e a linguagem; e a teoria do discurso, para uma compreensão histórica que envolve a produção de sentido, tendo assim a origem da Análise do Discurso (AD).

Segundo os preceitos de Pêcheux (1988), a linguagem não é vista como um código de transmissão, o sujeito não é dado como senhor de seu discurso;

considera-se a ideologia e trabalha-se com a multiplicidade de sentido. Na AD a língua é proposta como um lugar de produção do discurso, e é nela que ele se concretiza.

Deste modo, a língua constitui um campo material que funciona por meio da relação com o sentido, originando as práticas sociais que realizam uma produção simbólica no tempo e no social. Conforme Orlandi (2005), o objeto da AD, o discurso, é sócio-histórico e intervém como pressuposto.

O sujeito, nesta construção, não é o ponto de partida do que ele diz, essa produção acontece mutuamente entre sentido e sujeito, ou seja, ele não pode ser visto como indivíduo singular. Neste contexto a ideologia se dá como se a produção de sentido fosse parte de um mecanismo óbvio e já estivesse posto, passando a ideia de transparência. Conforme Orlandi, para o sujeito produzir sentido:

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (2005, p. 50).

Nesta pesquisa o sujeito a ser analisado traz consigo concepções que lhe foram colocadas ao longo da vida, as quais utilizam como se fossem autores do discurso; por exemplo:

*“Ao olhar no espelho daqui uns anos pretendo Ver alguém responsável...”* (texto 2)

*“Não quero casar cedo nem ter filhos cedo.”* (texto 5)

*“Eu pretendo terminar meus estudos e ir pra faculdade...”* (texto 8)

*“E também “O que eu espero do futuro”? que todos reipete os outro e que tudo aquilo que seres humanos deseja seja realizado pois agora o mundo esta contaminado por crimes, mortes e outras coisas que para sociedade é uma vergonha, mais é isso eu desejo que sonho se realizem e todo ( ? ) feliz.”*

(texto 3)

*“...em algum momento da vida temos que mudar ser alguém melhor...”*

(Texto 7)

De acordo com as teorias que tratam da formação discursiva do sujeito, estes trechos estão carregados de história que eles nem percebem expor, pois são discursos postos de modo generalizado, a que são assujeitados por meio das formações discursivas, os quais tomam como seus. Dessa forma, o autor do texto 8 afirma ser ele quando usa o pronome “eu”, certo de que isto é a expressão dele próprio enquanto sujeito deste discurso.

Sabe-se também que esse processo enunciativo não ocorre de forma consciente, que este dizer está implícito em outro lugar e que está sendo interpelado pela ideologia. Pêcheux (1988, p.145) diz que esse processo ocorre “inconscientemente”, dando ao sujeito apenas acesso ao que diz; sendo assim, o sujeito da AD é linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento. Quando o autor (a) do texto 5 e 6 diz:

*“Não quero casar cedo nem ter filhos cedo.”*

*“...não espero menos de mim, não desejo agradar todos pois sei que não conseguirei...”*

*“...também não serei antipática não é mesmo kk, então bem...”*,

São discursos que talvez alguém lhes tenha dito ou, por se tratar de um sujeito histórico e estar em diversos campos sociais, tenha visto acontecer com alguém em situação semelhante. Sabe-se o quanto os discursos são permeados pela ilusão do controle de seus dizeres; logo, também ocorre com o sentido.

Nesta pesquisa, a AD é base teórica construindo uma proposta de delinear a produção de sentidos segundo os preceitos dos estudos acerca da linguagem. Abordam-se aqui alguns conceitos que trazem solidez para as análises: formação ideológica, formação discursiva, formação imaginária, efeito de sentido, não necessariamente nesta ordem.

Para a AD, língua, história e ideologia são inseparáveis na constituição do sentido. Deste modo, pode-se afirmar que a língua está relacionada ao que é exterior a ela, como: as condições sócio-históricas e enunciativas de produção de sentido, o que chamamos interdiscurso. Conforme afirma Orlandi (2002, p.30), “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas nas relações com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”.

Ainda de acordo com Orlandi (2006, p.17), “O discurso é materialidade específica da ideologia e a língua é materialidade específica do discurso”. A língua em uso na AD não é mera transmissão de mensagem e sim produção de sentido, ou seja, a linguagem não é apenas um fenômeno da língua, sistemática e ideologicamente neutra, mas um fenômeno que pela língua constitui sentidos.

Os sentidos das palavras e dos enunciados não trazem um único sentido, pois esses se constituem na relação da palavra/enunciado com sua exterioridade. Pêcheux (1988, p.160) afirma que “os sentidos estão diretamente ligados às formações ideológicas”; no entanto, pode-se dizer que o sentido nasce das relações interdiscursivas junto às formações ideológicas, gerando um sentido diferente a cada nova formação discursiva.

Assim, tem-se por formação discursiva: “um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito”. (INDURSKY 2000, p.71) Em outras palavras, a formação discursiva é o lugar da constituição do discurso, dito de um determinado lugar social, gerando sentido e sofrendo deslocamento a cada dada formação discursiva.

Para Orlandi (2002, p. 30), as condições de produção se referem às relações entre o sujeito, à situação e à memória, podendo considerar essas condições em contexto imediato, “sentido estrito” ou “específico”, e sócio-histórico e ideológico, em

“sentido amplo”. Ressalte-se que para AD sempre será considerado o sentido amplo.

A produção de sentido para AD se constitui de elementos estruturais, entre eles a formação imaginária que, por sua vez, é muito relevante para a produção de sentido, pois trata da elaboração do discurso. De acordo com Pêcheux (1997, p. 82):

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentemos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar.

Seguindo a colocação de Pêcheux (1997), o que entra em jogo são as formações imaginárias constituídas a partir dos processos discursivos que definem os lugares que os interlocutores atribuem a si e aos outros em um jogo de imagens. Nas palavras de Orlandi (2003, p.16), neste processo, o discurso é “eu-formado pelo imaginário”, ou seja, no momento em que o sujeito elabora “seu” discurso, inconscientemente representa, de forma imaginária, as condições e os lugares sócio-históricos dos interlocutores projetando-os na constituição de seu discurso.

Por fim, pode-se dizer que a AD, além de considerar o contexto sócio-histórico da língua, também aponta a necessidade de considerar outros elementos constitutivos da linguagem, em específico do discurso.

No que tange às práticas sociais, faz-se necessária uma breve abordagem do que vem a ser essa prática social. Conforme Giddens (1984, p.67), práticas sociais podem ser “procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais”, sendo dinâmicas no tempo e no espaço e consideradas “herança de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas

nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo”, isso é, aquilo que é de fato realizado.

Deste modo, estes sujeitos/alunos estão inseridos em um misto de dinâmicas que os levam a praticar socialmente, o que Bourdieu chama de “corpo socializado” (BOURDIEU 1989, p.64) que está “diretamente ligado ao *habitus*”. Portanto, as práticas sociais são vistas como construções dos atores sociais em seus contextos de interação podendo esse contexto ser ou não uma organização, no caso dos atores desta pesquisa o considerável contexto está na escola, isto sem desprezar os outros espaços sociais desses sujeitos/alunos, se é que isso é possível. Os termos organização e práticas sociais estão interligados, sendo práticas entendidas como ações nas organizações.

Sabe-se também que o lugar de produção tem um grande peso no discurso desses alunos/sujeitos, pois falam de dentro de um contexto escolar, foram motivados por vídeos, os quais falamos no início, que os levaram a retomar seu contexto histórico-social. É notório nos textos o anseio por uma ascensão social que usaram expressamente em seus discursos; em contrapartida, o não dito soa alto nas entrelinhas deixando claro que desejam ir além das condições do seu contexto social familiar. Tomamos alguns exemplos:

*“...espero ter feito faculdade de Medicina ou Arquitetura.”* (Texto 5)

*“...espero me formar, fazer direito ou psicologia...”* (Texto 6)

*“quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatria ou psicologia.”*  
(Texto 7)

*“Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina...”*  
(Texto 8)

Nota-se através dos discursos o quanto estão almejando um futuro promissor, talvez o discurso seria outro em uma roda de conversa fora do contexto escolar,

pode-se dizer que o contexto no qual estão inseridos e para quem fora direcionado o texto influenciou nos discursos produzidos.

Diante desta teorização sobre a AD, cabe aqui tratar da representação discursiva dos sujeitos autores do *corpus* desta pesquisa. Com base nos discursos produzidos e pela troca de experiência com estes sujeitos é possível identificar que a produção discursiva desses sujeitos foi elucidada por anseios, sonhos, desejos imediatos e a longo prazo. Perceptível no discurso de todos eles é a unânime ideia de que só serão bem sucedidos caso tenham um curso superior, sendo que em alguns discursos aparecem duas ou mais escolhas de carreira.

Falar do sujeito implica falar do *ethos*, pois está relacionado às práticas do sujeito. Do ponto de vista da sociologia refere-se aos hábitos e comportamentos que o sujeito traz, o que separa ou une um determinado grupo social. Porém, aqui neste contexto trataremos do *ethos* discursivo.

Para tanto lançamos mão dos estudos de Maingueneau, o qual contribuiu para a atualização do termo dentro para a Análise do Discurso.

Em Maingueneau (2006), o *ethos* está ligado a uma cena da enunciação dada por um determinado discurso, porém o autor ressalta que não se pode ignorar a quem se fala, pois ele também constrói representações do *ethos* enunciador antes mesmo de se falar. Para isso, Maingueneau (2007, p.18) faz uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo:

*Ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. A distinção entre o *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação. O *ethos* efetivo, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias.

Para a Análise do Discurso, o sujeito atinge seu objetivo discursivo, que ele chama de efeito, por uma formação discursiva conforme afirma Maingueneau (1997, p.45):

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação 'psicologizante' e 'voluntarista', de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos não pelo sujeito, mas pela formação discursiva.

Deste modo, o sujeito não elabora seu discurso, ele é dado pela formação discursiva e ela que determina o tipo de discurso para a afirmação do *ethos*.

Considerando os tópicos discutidos neste capítulo sobre identidade e as teorias em torno da Análise do Discurso, é perceptível nos discursos destes adolescentes, por meio dos textos, o quanto eles se sentem responsáveis pelo próprio futuro, se veem "como um projeto reflexivo" (GIDDENS 2002, p.74) que tem que dar certo de alguma forma e veem esse projeto nas escolhas que fazem para o futuro.

## Capítulo III – Delineando a Pesquisa

Neste capítulo, faremos uma breve explanação da unidade onde foi realizada a pesquisa e trataremos da análise do *corpus* considerando as teorias abordadas nos capítulos anteriores.

### 3.1 Unidade Pesquisada

A escola estadual Ramona da Silva Pedroso está localizada na rua Adroaldo Pizzini nº 2750, bairro Jardim Santo André da cidade de Dourados. Atende uma clientela bem diversificada, alunos da zona rural, de bairros distantes e próximos à escola, da área central da cidade, desde as séries iniciais de ensino fundamental I, fundamental II, ensino médio, curso técnico e cursinho pré-vestibular.

A escola possui um quadro de 91 funcionários que atuam nos três turnos, sendo a maioria efetivo. Tem 14 salas de aula equipadas com TV, som, ar condicionado, sala de vídeo, laboratório de informática funcional, biblioteca, banheiros adequados para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, três laboratórios a serem inaugurados, duas quadras - sendo uma com cobertura -, área verde, grande área calçada, possui cantina, refeitório e pátio coberto.

Mesmo com os desafios diários de uma escola pública, o clima na escola é bastante agradável entre os profissionais de diferentes áreas e há um trabalho em equipe com atividades relacionadas aos diferentes anos, havendo assim interação entre as crianças, adolescentes e jovens de diferentes idades. A equipe de profissionais da escola promove atividades extras para colaborar na melhoria da estrutura física da escola e também realizam atividades temáticas quando possível.

A comunidade escolar é bem envolvida com os projetos da escola. A escola oferece muitas atividades, utiliza bastante recursos tecnológicos, bem arejada, estrutura predial em perfeito estado de uso, oferece merenda. Possui atendimento AEE (Atendimento Educacional Especializado) e STE (Sala de Tecnologia com Orientação Especializada) da Projetec.

A escola tem um índice de 78.57% de alunos que participam do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A nota do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) 2017 da escola é 5,0, estando acima da média do município que é 4,8 para o mesmo ano.

A coordenação pedagógica conta com o apoio de um inspetor para ajudá-la com as questões disciplinares pertinentes ao contexto escolar e para uma proximidade maior dos alunos.

Percebe-se ao chegar à escola o comprometimento dos funcionários em fazer o seu melhor para o bom funcionamento, estando à frente deste trabalho o diretor e a vice-diretora, os quais abriram prontamente as portas da escola para a realização da pesquisa.

### **3.2 Esboço de uma teoria do *corpus***

A construção social e cultural do sujeito está diretamente ligada à aquisição da língua e essa concepção vem da filosofia e perpassa várias áreas: Psicologia, Linguística, Ciências Sociais, História e outras, que encontram na língua fundamentos para a significação do pensamento e do mundo. Foi através de Saussure que as portas se abriram para a linguística entrar nesse campo como ciência trazendo a proposta da língua como uma convenção social. Segundo o linguista:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE 2006, p.17)

A língua é formada por um determinado grupo de falantes independentemente do tamanho deste, e é no coletivo que ela se concretiza desde que haja a aceitação, acontecendo a comunicação e existindo em plenitude:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro. (SAUSSURE 2006, p. 21).

Sabe-se que para Saussure o que importa é a língua e o sujeito se concretiza nela, mas todo esse movimento em torno da teoria de Saussure se concretiza nas teorias de Pêcheux na Análise do Discurso por influência da Psicanálise, evidenciando a produção do sentido que ocorre nas interações sociais, permeadas por ideologias, crenças, valores sociais e culturais, que dão espaço ao sujeito. No discurso, para a produção de sentido não é necessário dizer tudo que se pensa, muitas vezes o que não se diz produz mais sentido do que o que foi dito, em outras palavras, as entrelinhas são carregadas de sentido.

O sujeito quando fala produz sentido a quem ele fala, pois assume uma posição ideológica, cultural e social querendo se impor a um determinado grupo social. Quando se fala do sujeito que produz o discurso, a Análise do Discurso entra no campo da Psicanálise, a partir dos conceitos de consciência e inconsciência, levando em consideração que o discurso inconscientemente leva consigo o discurso do outro, tornando o discurso ideológico e não consciente. Saussure que apresenta a língua estruturada, por entender que a análise da linguagem não pode ser feita apenas por uma relação com o mundo, há uma estrutura com a função de fazer compreender a significação.

Compreender o sentido do discurso é uma das preocupações primordiais da Análise do Discurso, e neste intuito a pesquisa busca aproximar cada vez mais da construção do sentido pelo discurso e da construção ideológica do sujeito que mostra sua relação social e cultural.

Para Benveniste (1976), a significação linguística é dual: o som e o sentido, do indivíduo e da sociedade, da língua e da fala, do paradigmático e do sintagmático, da identidade e da oposição e assim por diante de forma que não tenham valor por si só, o seu valor se opõe um ao outro.

A lei absolutamente final da linguagem consiste, se ousamos dizê-lo, em que não há nada jamais, que possa residir em um termo: isso é consequência direta do fato de que os símbolos linguísticos não têm relação com aquilo que devem designar; assim, pois, a é impotente para designar algo sem o concurso de b e o mesmo ocorre a este, sem o concurso de a; ambos só têm valor pela sua diferença recíproca, ou nenhum valor, mesmo por uma parte qualquer dele mesmo (suponho a “raiz”, etc.), a não ser por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas. (BENVENISTE 1976, p. 43)

Nos estudos de Benveniste o sujeito passa a ser o centro e essa dualidade proposta em Benveniste faz o sujeito encontrar significação no que vivencia enquanto sujeito social e cultural, o contrário de suas escolhas o afirma ou o nega e nessa perspectiva se constrói o sujeito nas suas escolhas por meio da linguagem, quando digo o que quero também estou dizendo o que não quero implicitamente, o que é próprio da língua.

Nas concepções do sujeito propostas por Koch (1992, p.168) é impossível separar a língua do sujeito. Na primeira, temos o sujeito da enunciação, que acredita ser responsável pelo sentido, a língua compreendida como representação do sentido. Com a segunda concepção, o sujeito perde o domínio do discurso, sendo visto apenas como o resultado de uma ideologia do seu inconsciente. Na terceira concepção o sujeito é visto como atores/construtores daquilo que produz, visto como sujeito ativo.

Com base nestas concepções e a indivisibilidade do sujeito e da língua pode-se acreditar em sujeito constituído por e pela língua e que ela rege todas as concepções dadas ao sujeito constantemente. O que no ponto de vista social e cultural proposto por Orlandi (2005, p.50) já está dado, codificado, que pode ser distinguido na forma de falar de cada indivíduo. Isso que já nos levaria ao campo da Sociolinguística, mas o intuito é dizer que a língua está em constante mudança, seja social ou cultural e até mesmo estruturalmente e o sujeito, exposto a essas condições, evolui juntamente com a língua.

Segundo Pêcheux (1988[1975] p.173), o sujeito é constituído de dois esquecimentos: no número 1 “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina”, desta forma o sujeito não é fonte de seu dizer, mas usa da ilusão para enunciar. Já no esquecimento número 2 o

sujeito promove essa ilusão de pensar ser capaz de escolher as palavras adequadas para se expressar, tendo a ilusão de controlar os sentidos. Sabe-se que os significados não são dados às coisas de forma literal:

[...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria 'próprio', vinculado a sua literalidade. (PÉCHEUX [1988]1975, p.160-161)

No caso da análise dos textos, tomaremos como ponto de partida o sujeito posto nesta condição de aluno do 9º ano que se propõe a expor suas ideias, planos para o futuro, sonhos e desejos ou não, sob a perspectiva de encontrar nesses sujeitos vozes que delineiam e constituem sua identidade. As teorias abordadas neste trabalho nortearão a análise discursiva deste trabalho.

### **3.3 Trajetórias e percursos na constituição da identidade do sujeito do 9º ano da escola pública (Análise)**

Nos dias atuais a identidade do sujeito é vista como um produto social, vinda da interação deste sujeito nas várias vertentes: social, profissional, familiar, grupal, que ele venha a desempenhar na sociedade. Este sujeito está o tempo todo em constante mudança, movimento este que não se limita a uma prática social, mas estende-se a suas crenças, costumes, hábitos e estilo de vida. Bauman (2005) chama essa inconstância de “modernidade-líquida”, ocasionando mudanças sociais radicais nas relações entre eu e o outro.

Dentre os textos escolhidos para análise, é perceptível o anseio por uma vida com condições financeiras melhores e que concorrem com sonhos que são independentes de uma carreira bem sucedida. Para iniciar de fato as análises, apresentarei primeiramente os textos na íntegra, delineando basicamente os sujeitos dos discursos, seguindo com trechos relacionando com as teorias abordadas nesta pesquisa.

Os textos foram digitados tal qual como foram escritos por seus autores, inclusive com os erros gramaticais, os quais estarão em anexo no final da pesquisa em imagens. Vale lembrar também que nas análises o uso do pronome refere-se ao sujeito do discurso. O sujeito do texto 1, redigido por M.F. e com o título 'Futuro', diz:

No futuro, me imagino formado com minha propria casa, meu proprio carro, com minha propria vida.

Mas sei que não é fácil, e para isso vou ter que correr atrás, lutar e conquistar, e ter sempre em mente que o futuro é muito traissueiro.

Pretendo também ser uma pessoa melhor, ajudar alguma causa beneficente ou algo do tipo.

Que o futuro me aguarde, que o futuro nós aguarde, e que seja pelo menos metade do que a gente tanto sonha.

Delineando a identidade desse sujeito, percebem-se as vozes de outros, pessoas mais experientes em seu discurso e que para ser a pessoa que almeja vai ter que se esforçar muito para isso. Mas que esse mesmo futuro que ele espera alcançar, lugar onde espera encontrar sua própria vida e alcançar seus sonhos pode lhe ser traiçoeiro, no entanto já apresenta em seu discurso uma justificativa, caso não encontre dias melhores no futuro.

É notável também que esse sujeito não tem planos objetivos para sua vida profissional, pois não descreve com exatidão a faculdade que deseja fazer, só fala que quer uma, não diz no que pretende trabalhar para conquistar recursos financeiros para ter sua casa e seu carro. Enfim, trata-se de um sujeito que está buscando seus ideais, com anseio por uma vida melhor, mas que não sabe por onde ir. Como aponta Bauman (2004, p.35), “o anseio por identidade vem do desejo de segurança ele próprio um sentimento ambíguo”, logo esse desejo de ter uma faculdade, uma estabilidade material estão ancorados no desejo de segurança.

O sujeito do texto 2, produzido por L.G.L. e com o título 'Espelho' enuncia:

Ao olhar no espelho daqui uns anos pretendo Ver alguém responsável e que tem certeza do que quer, psiquiatria vai servir para abrir minha mente e quero poder as outras pessoas compreender a sua própria mente, seus pensamentos. Ao olhar

no espelho quero me amar, quero lembrar dos bons momentos e as decepções tenha servido como lição de vida. O mundo espera que eu cresça, me forme, tenha minha própria vida. Realmente olhar no espelho e ver meu interior, poder ter condição de melhorar a vida dos meus pais, ter um próprio consultório de psiquiatria e também fazer parceria com psicólogos.

A vida sempre espera de todos porém ela não é fácil, o mundo não é fácil, há tantas pessoas que não se encontraram dentro de si, não acharam um rumo que simplesmente acaba com o rumo de pessoas inocente, pessoas são cruéis e não ligam para sentimento, as pessoas não está realmente amando fazendo relacionamentos superficiais. O mundo quer que eu cresça porém a pessoas querendo ao contrário disso.

O sujeito do texto 2 pretende mudar o seu reflexo diante do espelho no futuro, ser diferente para si mesmo, conseguir vencer suas limitações, mas também é notória a polifonia, ou seja, a voz de outros ditando que ele seja melhor e apontando para as pessoas que vivem uma vida conturbada. De acordo com as teorias de Pêcheux, essa repetição de enunciados se dá pela memória discursiva. Percebe-se que a escolhas pelo curso superior de psiquiatria estão ligadas à forma como ele vê o mundo e os outros indivíduos e que, optando por isso, além de ajudar o outro a ser melhor, estará ajudando a si mesmo. Mostra uma identidade preocupada com a sociedade ao seu redor.

O sujeito do discurso do texto 3, produzido por Y.F.J. e com o título 'Meu Futuro' traz:

Agora nesse momento eu estou trabalhando e fazendo curso, mais na verdade meu desejo é ser uma grande medica. Mais eu sei que minha vida é por etapa hoje estou aqui numa sala de aula amanhã ou depois estarei numa faculdade realizando meu sonho. Eu queria muito que essa vida de estudante passace rapido eu estive numa faculdade, mais tenho que ter paciência.

Mais vou reponder uma pergunta: "Quem eu quero ser"?

Eu quero ser uma pessoa boa do coração generoso quero salvar vidas poder ajuda muito, quero ter uma familia e poder realizar todos os meus sonhos.

E tambem "O que eu espero do futuro"? que todos reipete os outro e que tudo aquilo que seres humanos deseja seja realizado pois agora o mundo esta contaminado por crimes,

mortes e outras coisas que para sociedade é uma vergonha, mais é isso eu desejo que sonho se realizem e todo ( ? ) feliz.

Este sujeito apresenta no seu discurso uma projeção dos seus desejos para o futuro, alguém que já tem buscado outras formas além de aluno do 9º ano, faz curso e trabalha. Ele tem o sonho de ser médica, mas quando tenta responder a pergunta ‘Quem eu quero ser?’, cita algumas atitudes que ela pode ser até no presente caso queira, ou seja, não depende de ser uma grande médica para realizar essas coisas. Espera para o futuro mudanças de outros que venham interferir na sua vida.

O texto 4, traz o discurso de L.L. e com o título de ‘Projeto: “O que você quer ser?” enuncia:

“O que você quer ser?” pergunta constante. Muitas vezes a resposta é certa e precisa. “A, medico!”, “A, advogado”, “professor”, “veterinário”, “enfermeiro”, “jogador de futebol”, “cantor”, “dançarino profissional”, “desenhista”, blá blá blá.

Mas a questão não é bem essa... O que queremos ser? Como queremos ser? Quem queremos ser? E porque. Por que?

Optamos sempre por sermos bem sucedidos, pessoas que fazem coisas grandes, exemplares... Que mudem o mundo.

A mudança do mundo não depende totalmente de quão “importante” nossa profissão é. Mas sim de COMO somos! Somos pessoas boas? Como costumamos lidar com problemas? Como os resolvemos.

O desejo de ser “alguém” não distingue COMO vamos ser de verdade. O futuro depende de escolhas. Escolhas certas e justas. Do dia a dia mesmo. Nas coisas mais simples. Podemos sim mudar o mundo sendo nós mesmos. Sempre buscando ser melhores a cada dia!

O que queremos ser? Queremos ser melhores. Não melhores, uns dos outros, mas melhores para nós mesmos.

Este texto mostra-se um sujeito com uma percepção sobre o outro e de si mesmo. No entanto, não tem definido o que quer para o futuro no que diz respeito ao profissional e ainda se mostra crítico aos que já têm essa resposta na ponta da língua e tem o desejo de ser bem sucedido e diz que desejar apenas não te fará ser

o que quer, mas suas escolhas te levarão a ser alguém ditado por suas escolhas. O sujeito diz que não precisa querer ser outra pessoa para ser melhor para si mesmo e para os outros.

O sujeito do texto 5, discurso de I.Z.F. e com o título de 'Meu futuro' diz:

Eu espero que no futuro eu tenha conhecido lugares lindos do mundo inteiro, espero ter feito faculdade de Medicina ou Arquitetura.

Quero conhecer a Italia, Portugal, Espanha etc. quero ser uma pessoa boa para todos ajudar a minha família. Não quero casar cedo nem ter filhos cedo. Quero que o mundo também melhore as pessoa mudem sejam melhores dominar todo os meus medos que meus sonho também não fique só no papel ou no sonho só, se eu pretendo casar sim ter filhos sim mais depois que conhecer o mundo todo.

Percebe-se nesse sujeito um conhecimento cultural adquirido, e traz no seu discurso um lugar sócio-histórico da mulher que deve casar e ter filhos. Percebe-se que um de seus sonhos é casar e ter filhos, pois afirma isso duas vezes, quando a sua memória discursiva deixa subentendido que pretende fazer isso mas nem tão cedo e diz explicitamente. Mostra-se preocupado com o mundo que vive e que isso traz medo de não conseguir realizar os seus sonhos.

O discurso do texto 6, dito por W.V.L.S. e com o título 'Minha vida, Meu Amado, Meu Futuro!' diz:

Na minha vida, eu espero me formar, fazer direito ou psicologia, trabalhar, comprar minha casa, me casar, viajar o mundo (ou só alguns países ai), espero ver todos os lugares que desejo, espero ajudar todas as pessoas que puder, espero cumprir tudo o que prometi, espero dar orgulho aos meus pais, espero ajudar meu país, espero ser feliz!

Sei que haverá muitos amores, muitos obstaculos e felicidades, e de tudo quero tirar proveito, amadurecer, mostrar o meu melhor que posso, se eu for juíza quero ser a melhor juíza que este país ja viu, ser for psicóloga a melhor, e se for outra coisa, não espero menos de mim, não desejo agradar todos pois sei que não conseguirei, mas também não serei antipática não é mesmo kk, então bem, isto é um pouco do que penso, mas

com certeza, não é tudo que tenho a dizer e fazer, mas por agora chega, beijos.

Este sujeito traz em seu discurso marcas de conhecimento cultural bem trabalhado, o desejo por fazer um curso superior mostrando duas opções, mas se mostra aberta a fazer outra coisa caso essas não sejam oportunas. Mostra-se um sujeito determinado, em que ser destaque no que faz é importante para que no futuro seja feliz. Aponta até certo patriotismo quando pensa em ajudar seu país e otimismo quando fala dos desafios que pode encontrar pela frente transformando-os em aprendizado. Esse sujeito apresenta a identidade do eu cheia de projeções autônomas, que busca uma liberdade em ter suas próprias coisas e ao mesmo tempo se limita a dar orgulho aos pais.

O discurso do texto 7, produzido por A.L.O. e com o título: ‘Como ser feliz?’ enuncia:

Quem eu quero ser? é uma pergunta difícil de se responder, nos meus planos quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatria ou psicologia, eu tenho um sonho e quero realizá-lo mas como eu posso fazer isso, sendo a mesma pessoa para sempre, não dá, em algum momento da vida temos que mudar ser alguém melhor, se formos uma pessoa ruim não alcançaremos nossos sonhos. Para mim a primeira coisa que devemos fazer para podermos realizar nossos sonhos é ter certeza, “Eu realmente quero fazer isso?” “isso vai me fazer feliz?” Se nossos sonhos, são os sonhos de outra pessoa devemos repensar, “Eu quero isso pra mim?” Se nós queremos devemos correr atrás. Meu sonho é ser uma pessoa que não sinta coisas ruins por coisas bobas, ser um exemplo, poder cuidar das pessoas que gosto e fazer o que gosto, não me prender a falsas esperanças se eu quiser eu vou lá e faço, ser decidida e ter uma boa carreira eu quero ser feliz por minhas escolhas.

Este sujeito se mostra um pouco indeciso quanto o que quer para a vida profissional, mas sabe que precisa dar passos para mudar e realizar os seus sonhos. Aponta suas incertezas com relação às escolhas, demonstra pensar nos outros e tem o desejo de vê-las bem e que suas escolhas não afetem os sonhos

desses, mas que a faça feliz e encontre sucesso na que escolher para a vida. Apresenta características típicas de um sujeito da modernidade líquida, vulnerável às condições postas socialmente e que, de acordo com Bauman (2005), não é tarefa fácil escolher uma única identidade quando se pode escolher várias.

O sujeito do discurso 8, de H.S.S. e com o título de 'O que quero da minha vida?' enuncia:

Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado, mas eu tenho um medo e uma certa insegurança, sobre o ensino médio, porque é um ensino bem complicado e bem puxado (também) de eu não conseguir e ficar com dificuldades nas novas matérias e tenho pavor do Enem e do Vestibular, pois se eu não conseguir passar e ficar com alguma dúvida.

Eu ouvi dizer que os alunos de medicina se matam de tanto estudar, não sei como eu vou ficar na faculdade. (Eu precis) tem um problema, eu tenho medo de fraturas expostas, órgãos e partes de um humano, mas eu não quero desistir, deve haver um jeito de perder esses medos, eu preciso. Bem é isso, muito obrigado!

O sujeito apresenta no seu discurso uma subjetividade, e que mesmo que não seja da natureza dele cursar medicina ele imagina que ter esse sonho é uma boa imagem de si assim como ele tem do outro. Assim como a maioria dos outros discursos, impera a identidade do eu. Este sujeito aponta um amplo conhecimento sobre a carreira acadêmica, do curso que deseja fazer, reconhece o medo e tem consciência de que com ele não terá progresso.

O discurso do texto 9, escrito por Y.S.B. e com o título 'Arte' diz:

Desde sempre eu queria ser artista, mexer com arte, música, teatro...essas coisas do tipo. Mas eu sou muito tímida para fazer teatro...

De pouco a pouco vou conseguindo. Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.

Eu tenho um sonho também de ser Bióloga, estudar espécies de animais, cobras, aranhas, escorpiões, tudo quanto é bixo. Ajudar a produzir antídotos para venenos de cobras e aranhas que ainda não existem. E também ser modelo, modelo diferente, extravagante, única. Bem, é isso mesmo ☺ .

Ansiosa para as aulas de biologia do ensino médio!!

Este sujeito traz anseios pela área cultural e artística e mostra-se vislumbrada por este meio onde se pode extrapolar padrões nas escolhas. Ela apresenta sua contextualização histórica familiar e fala que precisa estudar para conquistar esse mérito de estrela que é limitado pela timidez. A estudante aponta, ainda, alternativa caso não possa vencer essa barreira, mas deixa claro que pra onde quer que ela vá quer ser destaque, mesmo afirmando ser tímida ela não tem sonhos de bastidores.

Por fim o discurso do texto 10, escrito por M.S. e com o título de ' Mudança', enuncia:

Eu espero ser diferente do que sou agora totalmente diferente com opiniões mais concretas, com humor melhor terminando de cursar administração tendo meu proprio apartamento sendo feliz com amigos e ser focada em algo que me ajudem a me concentrar nas coisas importantes da vida e mantendo contato com a minha familia e simplesmente vivendo o melhor de mim mesmo com dias ruim seguir o mais feliz que eu conseguir e desistir menos ter menos vergonha ser, mais legal corajosa em mudar de (?) mais e desapontar menos os outros a minha volta deixar meus pais orgulhosos e ser o que eu não sou agora ser mais e mesmo querendo desistir sempre continuar para que meus pais não pensem mau de mim pelo modo que eu consiga, me cuidar sozinha construir meu proprio futuro onde eu imagino que vai ser muito dificil pela minha fraqueza e não vontade de fazer as coisas por medo de sempre depender de algum medo de pedir ajuda de pessoas que talvez realmente se importem comigo e não se esqueçam então imagino que terei que me esforçar muito para ser o meu melhor o meu mais feliz eu mesmo será melhor (?).

Este sujeito se mostra bem confuso no convívio com o outro deixando claro querer compensar de alguma forma as pessoas com quem convive por suas atitudes. Diz desistir fácil das coisas por medo de não dar certo e que muito do que

deseja pra si é para que mude o pensamento daquele que está a sua volta. Também mostra não confiar muito nas pessoas, mas mesmo sendo tão insegura tem os mesmos anseios que a maioria dos colegas ser bem sucedida na vida.

Com base nos textos vistos na íntegra pode-se afirmar que esses sujeitos apresentam uma formação discursiva bem semelhante, pois pouco difere um do outro. Mostram um percurso temático do discurso do sucesso pela forma como se imaginam no futuro bem sucedidos, com uma profissão de prestígio, bens materiais e sempre considerando ser um bem maior para a humanidade.

Para Soares (2016) o sucesso está diretamente ligado aos valores dados pela sociedade, de onde emergem esses sujeitos:

Sucesso é uma tradução dos novos valores presentes na sociedade brasileira contemporânea. Valores como o consumismo, a competição, o destaque em relação aos demais, a sobreposição de uma moda que vai desde como se vestir até como usar a língua. O sucesso é uma forma de cindir a sociedade entre os que têm sucesso e aqueles que não o possuem. Numa palavra, sucesso é formação social da qual se necessita compreender a ideologia reproduzida no discurso, que, por sua vez, se imprime na prática da língua. (Estudos linguísticos 2016, p. 1082)

A maioria dos discursos apresentados possuem a uma mesma superfície discursiva e, mesmo que produzidos individualmente, as condições de produção influenciaram pelas formações imaginárias sobre para quem eles estavam escrevendo e também a relação com o vídeo que antes assistiram, em outras palavras tentaram causar uma boa impressão que está relacionado ao *ethos* destes sujeitos.

A partir de então trabalharemos com trechos dos discursos e se necessário retomaremos na íntegra para melhor desenvolvimento da leitura. Observaremos nos trechos a seguir os anseios deste sujeitos/alunos do 9º ano do ensino fundamental II e o que eles esperam ter ou encontrar no futuro que almejam.

Trechos do texto 1:

“No futuro, me imagino formada com minha própria casa, meu próprio carro, com minha própria vida.”

“Pretendo também ser uma pessoa melhor...”

Trechos do texto 3:

“Agora nesse momento eu estou trabalhando e fazendo curso, mais na verdade meu desejo é ser uma grande médica...”

“Eu quero ser uma pessoa boa do coração generoso quero salvar vidas poder ajudar muito, quero ter uma família e poder realizar todos os meus sonhos.”

Trechos do texto 6:

“Na minha vida, eu espero me formar, fazer direito ou psicologia, trabalhar, comprar minha casa, me casar, viajar o mundo (ou só alguns países aí), espero ver todos os lugares que desejo, espero ajudar todas as pessoas que puder, espero cumprir tudo o que prometi, espero dar orgulho aos meus pais, espero ajudar meu país, espero ser feliz!”

Trechos do texto 7:

“Quem eu quero ser? é uma pergunta difícil de se responder, nos meus planos quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatria ou psicologia...”

“Meu sonho é ser uma pessoa que não sinta coisas ruins por coisas bobas, ser um exemplo, poder cuidar das pessoas que gosto e fazer o que gosto, não me prender a falsas esperanças se eu quiser eu vou lá e faço, ser decidida...”

Percebe-se por esses trechos que há nesses discursos um conflito dentro desses sujeitos entre o que quero ser e o que ‘eu’ posso ser. Para Woodward (2017, p. 17-18) estão apenas se posicionando como sujeitos por meio da representação

daquilo que está posto na sociedade, assim esse processo estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos. Deste modo, estes sujeitos estão tentando estabelecer sua identidade individual por aquilo que é coletivo através do sistema simbólico, ou seja, a representação compreendida como um processo cultural.

De acordo com Woodward (2000) a identidade é marcada pela diferença, registrando aquilo que ela não é. Trazemos em nossos discursos marcas de um contexto social. Mas nos textos é notável o desejo de mudança, de ser diferente, de fazer diferente a sua própria história.

Conforme Bourdieu aborda, o capital simbólico normalmente está ligado a uma estrutura posta de forma que isso se torna um valor para o sujeito.

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. (BOURDIEU 2003, p. 145)

Pode-se observar no sujeito do 9º ano o quão preocupado se apresenta com esse valor simbólico que lhe foi apresentado socialmente; isto é perceptível quando eles tentam responder o que gostariam de ser no futuro.

*“Eu espero ser diferente do que sou agora totalmente diferente com opiniões mais concretas, com humor melhor terminando de cursar administração tendo meu proprio apartamento sendo feliz com amigos e ser focada em algo que me ajudem a me concentrar nas coisas importantes da vida...” (texto 10)*

*“Desde sempre eu queria ser artista, mexer com arte, música, teatro...essas coisas do tipo. Mas eu sou muito tímida para fazer teatro...”*

*De pouco a pouco vou conseguindo. Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.” (texto 9)*

*“Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado...” (texto 8)*

*“Na minha vida, eu espero me formar, fazer direito ou psicologia, trabalhar, comprar minha casa, me casar, viajar o mundo (ou só alguns países aí), espero ver todos os lugares que desejo...” (texto 6)*

Os trechos postos optam por algo que representa um *status* na sociedade, ser bem sucedido, um poder e que mostre estar acima do nível de vida no qual estão inserido e o mover implícito no sujeito que, para ser uma pessoa melhor, tem que ter uma profissão altamente rendável. E isto está diretamente ligado também à leitura de mundo que eles têm e também de si mesmo.

O campo social comum aos autores destes discursos é o meio escolar, cada um traz sua história de outro campo social com pessoas de outros lugares. De acordo com Bourdieu ( in CHARTIER 2002, p.140) “os campos se caracterizam por espaços sociais que têm suas próprias regras, princípios, suas hierarquias...” . Esses campos influenciam e são influenciados e a relação desses campos originam espaços sociais diferentes.

De acordo com Bourdieu (2003, p.11) há uma constante “luta de classes” que ocorrem de forma simbólica inconscientemente no individuo, que impõe a definição do mundo social, a qual é perceptível nos discursos dos alunos do 9º ano, pois os desejos explicitam nos textos uma classe diferente da deles, e até de seus pais, o anseio por uma profissão de destaque:

*“Realmente olhar no espelho e ver meu interior, poder ter condição de melhorar a vida dos meus pais, ter um próprio consultório de psiquiatria e também fazer parceria com psicólogos.” (texto 2)*

*“Agora nesse momento eu estou trabalhando e fazendo curso, mais na verdade meu desejo é ser uma grande medica.” (texto 3)*

*“Eu espero que no futuro eu tenha conhecido lugares lindos do mundo inteiro, espero ter feito faculdade de Medicina ou Arquitetura.” (texto 5)*

*“Na minha vida, eu espero me formar, fazer direito ou psicologia...” (texto 6)*

*“Quem eu quero ser? é uma pergunta difícil de se responder, nos meus planos quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatria ou psicologia...” (texto 7)*

*“Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado...” (texto 8)*

*“Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.” (texto 9)*

*“cursar administração tendo meu proprio apartamento...” (texto 10)*

Dos dez textos analisados apenas dois não colocam uma profissão explicitamente, no entanto os demais se veem em uma profissão de destaque uma forma de ser bem sucedido financeira e socialmente. Conforme Bourdieu (1989, p.12) :

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, que por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fracção dominada (letrados ou 'intelectuais' e 'artistas', segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios e hierarquização.

Assim, pode-se dizer que nestes discursos apresentados o anseio destes sujeitos está em fazer parte das classes dominantes por meio de suas produções econômicas, mas que, na verdade, é posta pela sociedade na qual este sujeito está inserido e sua leitura de mundo diz isso pra ele, se você for médico, advogado, psicólogo, artista ou uma profissão 'bem vista' pela sociedade, será bem sucedido economicamente; logo, estará na classe dominante.

Dos textos que não optaram por fazer a escolha por uma profissão ou uma faculdade para cursar, o aluno traz em seu discurso uma observação interessante em relação ao assunto, portanto retomaremos o texto na íntegra:

“O que você quer ser?” pergunta constante. Muitas vezes a resposta é certa e precisa. “A, médico!”, “A, advogado”, “professor”, “veterinário”, “enfermeiro”, “jogador de futebol”, “cantor”, “dançarino profissional”, “desenhista”, blá blá blá.

Mas a questão não é bem essa... O que queremos ser? Como queremos ser? Quem queremos ser? E porque. Por que?

Optamos sempre por sermos bem sucedidos, pessoas que fazem coisas grandes, exemplares... Que mudem o mundo.

A mudança do mundo não depende totalmente de quão “importante” nossa profissão é. Mas sim de COMO somos! Somos pessoas boas? Como costumamos lidar com problemas? Como os resolvemos.

O desejo de ser “alguém” não distingue COMO vamos ser de verdade. O futuro depende de escolhas. Escolhas certas e justas. Do dia a dia mesmo. Nas coisas mais simples. Podemos sim mudar o mundo sendo nós mesmos. Sempre buscando ser melhores a cada dia!

O que queremos ser? Queremos ser melhores. Não melhores, uns dos outros, mas melhores para nós mesmos. (texto 4)

Mesmo não fazendo uma única escolha como os demais, ainda assim, por suas escolhas lexicais e por usar a primeira pessoa do plural nota-se que o anseio da estudante L.L. é o mesmo da maioria dos colegas e percebe as profissões de destaque, o que faz a diferença para a sociedade; ela assume isso quando elenca as inúmeras profissões: ““O que você quer ser?” pergunta constante. Muitas vezes a resposta é certa e precisa. “A, médico!”, “A, advogado”, “professor”, “veterinário”, “enfermeiro”, “jogador de futebol”, “cantor”, “dançarino profissional”, “desenhista”, blá blá blá.” Outro ponto que não a difere dos colegas também é: “Optamos sempre por sermos bem sucedidos, pessoas que fazem coisas grandes, exemplares... Que mudem o mundo.”

O que ela declara explicitamente e que os colegas deixam nas entrelinhas é o desejo de ser alguém que se destaque independente do que venha a ser. Quando o aluno diz querer ser médico, o conhecimento de mundo que temos nos faz entender o que realmente o sujeito quer: ‘ser visto’ seja pela sociedade ou só mesmo pela família. A estudante coloca em seu discurso o que todos escreveram o anseio por ser “alguém” que ela mesma traz entre aspas dando destaque a esse sujeito diferente que lhe é posto através dos discursos, da convivência, das trocas diárias.

Ainda sobre este discurso, ela finaliza com o discurso subentendido em todos os textos: “O que queremos ser? Queremos ser melhores.”. Todos fazem está afirmação o que para análise do discurso temos o assujeitamento, onde o sujeito é livre e ao mesmo tempo submisso, ela foi livre para fazer suas escolhas e ao mesmo tempo submissa, pois o discurso foi o mesmo do colegas.

Conforme Orlandi (2007), por meio da determinação o sujeito gramatical cria uma ideia imaginária de ser mestre de suas palavras fazendo suas escolhas lexicais, efeito denominado pela estudiosa de sujeito de direito que aponta para uma sociedade estrutural capitalista. Na teoria pecheutiana, o discurso significa o que dizemos e também o mundo, fazendo do sentido história e a constituição do sujeito é dada inconscientemente marcada pela ideologia.

Conforme Orlandi (2007, p.49):

Ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos, ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não fala, não produz sentidos.

Assim o sujeito discursivo é interpelado pela ideologia e a partir disso pode-se construir o dizer e o faz de posições sociais diferentes, atravessado pela linguagem e pela história.

Os discursos mostram o quanto estes alunos anseiam por ser 'alguém' melhor no futuro e de acordo com Bauman (2005, p.22) isto é a busca por uma identidade pois :

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Pensar em ser melhor no futuro mostra essa busca por conquistar uma vida melhor socialmente, faz o sujeito buscar por uma identidade e, como já foi dito antes, a identidade e diferença andam juntas, os buscam ser destaque em algo na vida, fazer diferente para eles e para a sociedade.

Com base nos discursos do *corpus* desta pesquisa pode-se dizer que o desejo de ser 'alguém' melhor existe explicitamente e cabe a eles lutarem para que isso se torne real na vida deles.

O fato de fazerem parte de uma sociedade pós-moderna os faz querer também fazer parte de uma classe social de destaque da sociedade pós-moderna, querer fazer parte dos grupos sociais dessa sociedade; em um dos discursos isso é explicitado: “poder ter condição de melhorar a vida dos meus pais, ter um próprio consultório de psiquiatria e também fazer parceria com psicólogos.” (texto 2) não basta ser psiquiatra tem que fazer parte do grupo, pois isso faz do individuo mais forte naquilo que se propõe, ou seja, para que se realize individualmente é

necessário se fortalecer em um grupo que já caminha em direção ao objetivo individual.

As faces da identidade pós-moderna fazem o sujeito sofrer as intervenções sociais conectando as características dos sujeitos pelo ser social, os chamados atores sociais conforme Castells (2008, p.22):

[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas.

A percepção da constituição da identidade posta por Castells está diretamente ligada à sociedade civil e à sociedade em rede.

Os sujeitos estão sempre em movimento, assim como os sentidos parecem ser os mesmos, mas ao mesmo tempo parecem outros. É nesse movimento que surge a identidade, no anseio por uma completude singular inatingível, pois não é possível diante da multiplicidade que emerge o sujeito.

Esse sujeito que pensa ser uno é na verdade constituído de fragmentos, um sujeito descentrado. Isso fortalece a falta de autonomia do sujeito sobre o seu dizer, assim como afirma Authier-Revuz (apud Eckerthoff, 2003b, p.271):

[...] as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras do outro... e inevitavelmente 'carregada', 'ocupada', 'habitada', 'atravessada' pelos discursos nos quais 'viveu sua existência socialmente sustentada.

Esse sujeito heterogêneo, tomado pelo outro se constitui sócio-historicamente e essa relação é indissociável, conforme Limberti (2009, p.34):

Nessa condição dinâmica de translação, a identidade se mostra como em um desenho tridimensional: cada perspectiva que o olho

assume, enxerga uma imagem; analogamente, a cada segmento dessa trajetória que o sujeito ocupa, refaz-se a imagem de sua identidade. Os segmentos não são estanques, não há uma linha divisória entre eles, nem eles possuem dimensão definida. Essa imprecisão impede que se divise o limite entre o sujeito e o outro, ao mesmo tempo em que possibilita que, dado o posicionamento do sujeito na trajetória, ele possa preencher vários papéis, na medida em que pode abranger, de uma só vez, mais de um segmento. Sob essa perspectiva, pode-se inferir que os sujeitos estão contidos uns nos outros, que eles podem ser um e outro ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva os discursos analisados apresentam escolhas lexicais muito semelhantes e isso se dá pelas experiências vivenciadas juntos, a idade dos sujeitos e principalmente porque eles reproduzem o seu contexto social-histórico adquirido por suas experiências.

Na manifestação da identidade, não ocorre uma substituição inconsciente de discursos, mas sim uma “seleção”, no interior do próprio discurso, do que vai ser dito e como vai ser dito. Tais “escolhas” são reveladoras, pois, tanto as formas discursivas eleitas quanto as excluídas são as marcas de sua subjetividade e, conseqüentemente, de sua identidade. (LIMBERTI 2009, p.33)

Percebe-se essa subjetividade primeiramente nos títulos dados aos discursos: “texto 1 – Futuro; texto 2 – Espelho; texto 3 – Meu futuro; texto 4 - Projeto: “O que você quer ser?”; texto 5 – Meu futuro; texto 6 – Minha vida, Meu Amado, Meu Futuro; texto 7 - Como ser feliz?; texto 8 – O que quero da minha vida?; texto 9 – Arte; texto 10 – Mudança”. A subjetividade é construída a partir do outro e também do mundo que é percebido por este sujeito. O vídeo usado para estimular e orientar a escrita continha todas essas formas discursivas eleitas para títulos. São palavras já conhecidas por eles, mas que tomaram sentido a partir do vídeo, construindo um novo sentido nesta escolha. Logo, a subjetividade está o tempo todo sendo construída e desconstruída.

Ainda sobre a subjetividade Woodward (2000, p.56) afirma:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um

contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Assim, o vídeo utilizado para direcioná-los na produção dos textos influenciou nas escolhas lexicais utilizadas nos discursos, esse o motivo de tanta semelhança nos títulos. Mas, como o próprio Woodward diz, a subjetividade vai no íntimo do sujeito. Para melhor exemplificar essa questão de subjetividade que leva à identidade destes sujeitos/alunos do 9º ano, tomaremos outros trechos dos discursos.

*“Pretendo também ser uma pessoa melhor, ajudar alguma causa beneficente ou algo do tipo.*

*Que o futuro me aguarde, que o futuro nós aguarde, e que seja pelo menos metade do que a gente tanto sonha.” (texto 1)*

Nestes discursos o sujeito/aluno busca ser uma pessoa melhor e para evidenciar o quão melhor ela quer ser coloca o desejo de ajudar alguma causa, algo típico de alguém ‘melhor’ que se doa por outro deixando claro no parágrafo seguinte que isso é uma das coisas que ela quer fazer, pois ela diz querer fazer pelo menos ‘metade do que tanto sonha’ e também mostra que esse sonho não é somente dele(a) e que mais pessoas sonham junto com ele(a) ou partilham o mesmo desejo.

*“Ao olhar no espelho quero me amar, quero lembrar dos bons momentos e as decepções tenha servido como lição de vida. O mundo espera que eu cresça, me forme, tenha minha própria vida.” (texto 2)*

O sujeito deste discurso fala dos sonhos que a sociedade prega a todos, o amor próprio, vencer os desafios do cotidiano, aprender com os erros, enfim, os objetivos apresentado neste discurso são inteiramente de outros e que de certa forma esta conforme as pessoas esperam umas das outras. Ainda no texto 2:

*“A vida sempre espera de todos porém ela não é fácil, o mundo não é fácil, há tantas pessoas que não se encontraram dentro de si,”*

O sujeito fala que ‘vida espera de todos’ e que nem sempre é fácil fazer o que a vida quer. De que vida trata esse sujeito? Da sua própria ou da que os outros querem para ele? Todos esses anseios fazem parte da subjetividade do sujeito; ele sonha algo pra si, mas, às vezes, os pais ditam ao longo da vida regras que não vão ao encontro dos ideais do individuo porque este possui uma outra leitura de mundo.

Um exemplo de subjetividade, fora dos discursos a serem analisados é a escolha da carreira artística; há três décadas o sonho de ser artista era motivo de discórdia entre familiares (pai e mãe), “coisa pra desocupado”; hoje, o que temos são pais colocando seus filhos a todo custo para ingressarem neste ‘tão sonhado mundo artístico’, se tornou um ideal de pais e filhos. E isto se dá não só porque os tempos são outros, mas também pela nova leitura de mundo dos sujeitos.

Voltando aos discursos, no texto 3 o sujeito apresenta o que deseja e aponta ter sonhos os quais ela não explica qual:

*“Eu quero ser uma pessoa boa do coração generoso quero salvar vidas poder ajuda muito, quero ter uma familia e poder realizar todos os meus sonhos.”*

Poder ajudar outras pessoas e construir uma família não faz parte de seus sonhos, ou seja, são ideais impostos pelo mundo social que foram implantados internamente no sujeito, os quais são expostos inconscientemente.

No texto 4 o sujeito apresenta uma receita de como mudar o mundo: “Nas coisas mais simples. Podemos sim mudar o mundo sendo nós mesmos. Sempre buscando ser melhores a cada dia!”. A forma como esse sujeito vê de mudar o mundo é tendo boas atitudes dia após dia sem fazer algo extraordinário, pois o seu ‘eu’ interior observa o mundo desta maneira.

O sujeito do texto 5 em seu discurso diz: “Quero conhecer a Italia, Portugal, Espanha etc. quero ser uma pessoa boa para todos ajudar a minha família”. Mostra um conhecimento cultural implícito quando fala dos lugares que gostaria de conhecer e também deixa claro ser uma pessoa grata colocando ajudar a família como exemplo de pessoa ‘boa’, indica em sua concepção de mundo que isso é ser do bem.

O sujeito do texto 6 apresenta um discurso semelhante, “...espero ver todos os lugares que desejo, espero ajudar todas as pessoas que puder, espero cumprir tudo o que prometi, espero dar orgulho aos meus pais, espero ajudar meu país, espero ser feliz!”. Apresenta um valor cultural, realizar desejos de outros que possa ter prometido, honrar os pais e com essas atitudes espera alcançar a felicidade.

O discurso do sujeito do texto 7 difere um pouquinho dos apresentados, diz :

*“Meu sonho é ser uma pesso que não sinta coisas ruins por coisas bobas, ser um exemplo, poder cuidar das pessoas que gosto e fazer o que gosto, não me prender a falsas esperanças se eu quiser eu vou lá e faço, ser decidida e ter uma boa carreira eu quero ser feliz por minhas escolhas.”*

O sujeito apresenta ser preocupado com pequenas coisas, deseja ser exemplo pelas escolhas que pretende fazer e que essas escolhas a façam feliz. Esse sujeito se vê em uma completude imaginária, pois a sua multiplicidade o faz desejar a melhor parte do outro, do que ele tem como conhecimento internalizado é o que deseja pra si.

*“Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado, mas eu tenho um medo e uma certa insegurança, sobre o ensino médio, porque é um ensino bem complicado e bem puxado (tambem) de eu não conseguir e ficar com dificuldades nas novas matérias e tenho pavor do Enem e do Vestibular, pois se eu não conseguir passar e ficar com alguma dúvida.” (texto8)*

O discurso que compõe o texto 8 mostra um sujeito no primeiro momento decidido ao que quer para o futuro quando diz querer ir pra faculdade, fazer mestrado, doutorado. No segundo momento mostra-se totalmente inseguro quanto à trajetória para chegar ao seu objetivo, uma via de mão dupla que dá ao sujeito, aflora características identitárias do que ele é no seu dia-a-dia e que o faz acreditar que será sempre assim para que conquiste seus sonhos.

*“Desde sempre eu queria ser artista, mexer com arte, música, teatro...essas coisas do tipo. Mas eu sou muito tímida para fazer teatro...”*

*De pouco a pouco vou conseguindo. Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.*

*Eu tenho um sonho também de ser Bióloga, estudar espécies de animais, cobras, aranhas, escorpiões, tudo quanto é bixo. Ajudar a produzir antídotos para venenos de cobras e aranhas que ainda não existem. E também ser modelo, modelo diferente, extravagante, única. Bem, é isso mesmo 😊”*

No texto 9 o discurso mostra um sujeito que transita em diferentes espaços, apresentando assim uma indecisão em relação ao que deseja para o futuro, é notório o desejo por algo extraordinário mas que precisa vencer seus conflitos e as limitações, “Mas eu sou muito tímida...” a qual ele afirma, o que é contraditório a tudo que ela deseja ser: “Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser

feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.”. E ao mesmo tempo ela diz se fizer algumas dessas coisas será ela mesma.

Para finalizar os exemplos que aponta a subjetividade do sujeito, no texto 10 o sujeito mostra-se inseguro consigo mesmo:

*“ser focada em algo que me ajudem a me concentrar nas coisas importantes da vida e mantendo contato com a minha família e simplesmente vivendo o melhor de mim mesmo com dias ruim seguir o mais feliz que eu conseguir e desistir menos ter menos vergonha ser, mais legal corajosa em mudar de (?) mais e desapontar menos os outros a minha volta deixar meus pais orgulhosos e ser o que eu não sou agora ser mais e mesmo querendo desistir sempre continuar para que meus pais não pensem mau de mim pelo modo que eu consiga, me cuidar sozinha construir meu proprio futuro onde eu imagino que vai ser muito dificil pela minha fraqueza e não vontade de fazer as coisas por medo de sempre depender de algum medo de pedir ajuda de pessoas que talvez realmente se importem comigo e não se esqueçam então imagino que terei que me esforçar muito para ser o meu melhor o meu mais feliz eu mesmo será melhor (?)”.*

O sujeito mostra, dentre os seus sonhos para o futuro, mudanças relacionadas a sua personalidade como ‘vergonha’, ‘ser legal’, ‘concentrar nas coisas da vida’, ‘ser corajosa’, ‘fraqueza’, ‘dependência’, tratando essas coisas como objetivo para ser feliz. Essas escolhas mostram o quanto esse sujeito sofre a influência do outro e que se preocupa com o que as pessoas pensam a seu respeito, principalmente seus pais, cuja opinião tem peso sobre o que a constitui subjetivamente, sobre sua identidade, bem como em todos os outros discursos analisados. Sabe que o sujeito se constitui nesse mosaico provocado pelo outro em sua essência. Através dos discursos é perceptível o mundo que o sujeito cria para ele e isso marca as características que delineiam a sua identidade.

O trato com a linguagem revela, além da identidade ou da alteridade do sujeito, todo o percurso de sua construção da realidade e os determinantes das escolhas de suas construções discursivas. Existe

um processo espelhado na produção do discurso, pois o sujeito é, ao mesmo tempo, produtor e coisa produzida. E o sujeito refletido não paira sobre tudo isso como algo absoluto: ele está arraigado completamente no interior de sua cultura, de sua formação ideológica. (LIMBERTI 2009, p.33)

Esse processo espelhado é perceptível nos discursos, pois os sujeitos foram motivados pelo mesmo vídeo, têm a mesma faixa etária, fazem parte de um mesmo grupo escolar e convivem há um tempo juntos na mesma escola, o que os diferencia são os traços culturais dados por sua formação ideológica e a constituição sócio-histórica. De acordo com Woodward (2000, p.61)

[...] Althusser (1971) enfatiza o papel da ideologia na reprodução das relações sociais, destacando os rituais e as práticas institucionais envolvidos nesse processo. Ele concebe as ideologias como sistemas de representação, fazendo uma complexa análise de como os processos ideológicos funcionam e de como os sujeitos são recrutados pelas ideologias, mostrando que a subjetividade pode ser explicada em termos de estruturas e práticas sociais e simbólicas.

Assim, pode-se dizer que os sujeitos, quando ocupam um determinado lugar, estão de fato sendo recrutado por esta posição (WOODWARD 2000, p.61). O aluno do 9º ano tem consciência do lugar que ocupa na escola, mas este não foi escolhido por ele e sim foi recrutado por estar na idade para isso, por ter percorrido outros anos anteriormente, ou seja, fazem parte de um sistema de representação ao qual estão sujeitos.

Na perspectiva do sujeito e do discurso que caminham lado a lado, é possível contemplar a ótica bakhtiniana:

Toda a essência da apreensão apreciativa de enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o 'fundo perceptivo', é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. (BAKHTIN, 1986, p. 147)

Considerando as teorias apontadas sobre discurso, subjetividade, ideologia em torno do sujeito, pode-se dizer que há um constante movimento que parte do 'eu' para o outro dado para a construção dos sentidos e a constituição da identidade desse sujeito que é imerso pelo outro e reflete isso nas suas produções discursivas.

Por fim, tratamos da proposta inicial desta pesquisa de delinear a identidade dos sujeitos atores dos discursos analisados. Retomando a proposta de identidade por Bauman (2005, p.91) "A construção de identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam". Deste modo, pode ser interpretada e reinterpretada por várias maneiras, conforme proposto nas teorias abordadas neste trabalho e enriquecida por cada indivíduo e sua complexidade subjetiva. Destaca-se que o sujeito e o discurso são indissociáveis e revelam o que constitui esse sujeito e sua identidade por suas concepções ideológicas.

## Conclusão

De acordo com a proposta desta pesquisa, tratamos aqui de análises discursivas embasados pelas teorias da Análise do Discurso de linha francesa. Foram analisados 10 discursos de alunos do 9º ano de uma escola pública de Dourados.

Pode-se dizer que os textos, cujos discursos representaram muito bem neste contexto de sujeitos/alunos do 9º ano, pois foi notável em todos os discursos o quanto são sujeitos à língua e à história que carregam consigo e produziram sentidos com o que disseram e muito mais com o que não disseram, mas que ficaram nas entrelinhas ou até mesmo subliminarmente.

Os sujeitos/alunos mostraram as incertezas que trazem internamente com relação ao futuro e também o desejo de mudança. É por meio desse desejo que faz o sujeito desenvolver, movimentar e constituir sua identidade mostrando-se firme para fazer a diferença seja ela somente dentro da sua casa para seus pais ou para o mundo.

No entanto, estes sujeitos/alunos têm tomado para si a criação de sua identidade e diferença, pois esse discurso apresentado tem sim o peso da motivação dada para a escrita, por meio do vídeo, mas essa representação simbólica e discursiva mostra não simplesmente a escolha lexical dada ao que deseja ser, por exemplo: 'médico', 'artista' ou qualquer outra que tenha escolhido, e sim o que está por trás de tudo isso na mensagem subentendida: "quero ser diferente do que sou hoje, quero evoluir".

Pode ser que esse sujeito não seja nada do que colocou em seu discurso, mas se for além do 9º ano já progrediu para o que muito deles chamaram de futuro. Mesmo sendo sujeitos/alunos da mesma faixa etária e fazerem parte de um mesmo grupo social, percebe-se o intuito de marcar a diferença fora do grupo no qual estão inseridos no momento e que posteriormente não estarão.

No que diz respeito ao *ethos* desses sujeitos, pode-se afirmar que eles têm uma imagem desfavorecida de si, se veem como próprio obstáculo para realizar

seus sonhos, pois os apresentam e logo em seguida discursam características negativas (timidez, vergonha, medo, insegurança) o que, na verdade, é a forma como eles pensam ser vistos pelo outro.

Os discursos desses sujeitos se caracterizaram pela prospecção em relação ao futuro, ao desconhecido, mas que esperam encontrar coisas boas lá. E esse desejo por coisas boas se dá por suas relações culturais e sociais, são objeções que eles acreditam mudar não somente sua forma de viver, mas também mudar, principalmente, a forma como o outro o constrói.

Mostraram-se totalmente influenciáveis primeiro pelas escolhas que fizeram com relação à vida profissional, movidos por uma sociedade capitalista optaram por cursos que têm, ao ver do outro e dele mesmo, *status* social e financeiro.

Percebe-se em todos os discursos os valores simbólicos em torno da família visto como um valor ideológico, mas o peso maior desses sujeitos está no que o outro pensa sobre eles e isso os impulsiona ao movimento de ser, e ser bem sucedido o que faz parte de seus ideais.

Assim como eles apontaram em seus discursos, carregam a incerteza do que precisam fazer para conquistar os seus sonhos, para se fazer melhor na concepção do outro. Essa incerteza é fruto da pressão social em que vivem, são muitas mudanças: no outro ano ensino médio, as responsabilidades que aumentam dia após dia e nesse meio transicional estão esse sujeito/aluno.

Esses sujeitos/alunos das análises estão se moldando e o que colocaram como escolhas talvez, ao fim desta pesquisa, já não sejam mais, pois o sujeito é passível de mudanças o tempo todo e o que dá esse aporte de mudança é a relação com o outro.

Os sujeitos/alunos do 9º ano aqui apresentados podem não mais existir e muito menos dizer que isso é típico da turma de último ano do ensino fundamental II. Podemos afirmar, contudo, que é um sujeito que está construindo sua identidade, pois a relação com o outro, com o meio social e cultural permite estar em constante movimento, típico da modernidade.

O sujeito aqui representado é posto pela língua, delineado pelo discurso e na procura de uma identidade que agrade mais do que a ele mesmo, agrade a

sociedade na qual está inserido. Tem-se um sujeito/aluno fruto da globalização, indivíduo da sociedade líquido-moderna.

Por fim, cabe dizer que as conclusões apresentadas não se encerram aqui, mas sim que vão além das observadas, pois os discursos estão sempre produzindo sentido. Assim, os sujeitos destas análises são plurais, pois se constituem dele mesmo e do outro, e sempre por onde forem serão além deles mesmo. Tudo que sonharam neste dia só fará sentido se um dia vier a acontecer e se for de fato percebido pelo outro.

## Referências

- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio** da língua portuguesa. Editora Fronteira, 2000.
- BAHKTIN, M. [1979]. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000 [2003].
- \_\_\_\_\_, M. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ed. São Paulo. Hucitec, 1986.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: Problemas de Lingüística Geral II. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Lingüística Geral II. Tradução de Eduardo Guimarães et alli. Campinas/SP: Editora Pontes, 1989.
- BOURDIEU. P. A distinção crítica social do julgamento. São Paulo. Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, [1930] 2007.
- \_\_\_\_\_, P. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. Tradução, prefácio: Sérgio Miceli. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- \_\_\_\_\_, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Unicamp, 2011.
- BRUMATTI, Sonia A. V. Identidade Indígena: Algumas Características de Estudantes Indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados-MS. Campo Grande, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), UFMS.

CASTELLS, M. O poder da identidade. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Processos de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, Maria José R. Faria (org.). Identidade e discurso. Campinas; Unicamp, 2003b.

FERNANDES, Célia. Será o Sujeito assujeitado. 2008.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 2002. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FONSECA, M. A. da. *Michel Foucault e a Constituição do Sujeito*. São Paulo. Educ, (2003).

FREITAS, Celma. A prática em Bourdieu (2008).

<http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/04/1.A-PR%C3%81TICA-EM-BOURDIEU-Celma-Freitas1.pdf> Visto em 16/06/2019.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_, A. Modernidade e identidade (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2002.

GUARESCHI, Neuza. Ideologia e discurso. Scielo.

GUERRA, Vania Maria. UMA REFLEXÃO SOBRE ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA. UFMS.

<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35254> VISTO EM 22/05/2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOCH, Ingedore V. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.

LIMBERTI, Rita C. A. Pacheco. Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia. UFGD, 2009.

LOPES, Edward. Fundamentos da linguística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1976.

MEIRELLES, Maximiano Martins. Sujeito (s), representações, Discursos e identidade (s) Polifônica (s): entrelaçando conceitos. Unicamp, 2012, [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/MEIRELES\\_MAXIMIANO\\_MARTINS\\_DE.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/MEIRELES_MAXIMIANO_MARTINS_DE.pdf)

Visto em 16/06/2019.

ORLANDI, E. (org). A leitura e os leitores. 2ª ed, Campinas, SP: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: SP: Pontes, 2005.

PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100007) – visto em 16/06/2019.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso uma crítica à afirmação do óbvio.

Tradução de E. P. Orlandi et al. Campinas, SP: Unicamp, 1988.

Revista Gestão Universitária, <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/analise-do-discurso-o-que-e-como-se-faz-e-para-que-serve> - visto em 23/09/2019.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, (1994).

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos de subjetividade. In: *Lingua(gem) e identidade*. SIGNORINI, Inês (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, T. T. da. A produção social da Identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Thiago Barbosa. *Discurso do sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil Contemporâneo*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2016.

<http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.658> visto em 14/05/2019.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

## **ANEXOS**

### TEXTOS TRANSCRITOS:

#### TEXTO 1 (M.F.)

##### Futuro

No futuro, me imagino formado com minha propria casa, meu proprio carro, com minha propria vida.

Mas sei que não é fácil, e para isso vou ter que correr atrás, lutar e conquistar, e ter sempre em mente que o futuro é muito traissueiro.

Pretendo também ser uma pessoa melhor, ajudar alguma causa beneficente ou algo do tipo.

Que o futuro me aguarde, que o futuro nós aguarde, e que seja pelo menos metade do que a gente tanto sonha.

#### TEXTO 2 (L.G.L.)

##### Espelho

Ao olhar no espelho daqui uns anos pretendo Ver alguém responsável e que tem certeza do que quer, psiquiatria vai servir para abrir minha mente e quero poder as outras pessoas compreender a sua própria mente, seus pensamentos. Ao olhar no espelho quero me amar, quero lembrar dos bons momentos e as decepções tenha servido como lição de vida. O mundo espera que eu cresça, me forme, tenha minha própria vida. Realmente olhar no espelho e ver meu interior, poder ter condição de melhorar a vida dos meus pais, ter um próprio consultório de psiquiatria e também fazer parceria com psicólogos.

A vida sempre espera de todos porém ela não é fácil, o mundo não é fácil, há tantas pessoas que não se encontraram dentro de si, não acharam um rumo que simplesmente acaba com o rumo de pessoas inocente, pessoas são cruéis e não ligam para sentimento, as pessoas não está realmente amando fazendo relacionamentos superficiais. O mundo quer que eu cresça porém a pessoas querendo ao contrário disso.

### TEXTO 3 (Y. F. J.)

#### Meu Futuro

Agora nesse momento eu estou trabalhando e fazendo curso, mais na verdade meu desejo é ser uma grande medica. Mais eu sei que minha vida é por etapa hoje estou aqui numa sala de aula amanhã ou depois estarei numa faculdade realizando meu sonho. Eu queria muito que essa vida de estudande passace rapido eu estive numa faculdade, mais tenho que ter paciência.

Mais vou reponder uma pergunta: “Quem eu quero ser”?

Eu quero ser uma pessoa boa do coração generoso quero salvar vidas poder ajuda muito, quero ter uma familia e poder realizar todos os meus sonhos.

E tambem “O que eu espero do futuro”? que todos reipete os outro e que tudo aquilo que seres humanos deseja seja realizado pois agora o mundo esta contaminado por crimes, mortes e outras coisas que para sociedade é uma vergonha, mais é isso eu desejo que sonho se realizem e todo ( ? ) feliz.

### TEXTO 4 ( L.L.)

#### Projeto: “O que você quer ser?”

“O que você quer ser?” pergunta constante. Muitas vezes a resposta é certa e precisa. “A, medico!”, “A, advogado”, “professor”, “veterinário”, “enfermeiro”, “jogador de futebol”, “cantor”, “dançarino profissional”, “desenhista”, blá blá blá.

Mas a questão não é bem essa... O que queremos ser? Como queremos ser? Quem queremos ser? E porque. Por que?

Optamos sempre por sermos bem sucedidos, pessoas que fazem coisas grandes, exemplares... Que mudem o mundo.

A mudança do mundo não depende totalmente de quão “importante” nossa profissão é. Mas sim de COMO somos! Somos pessoas boas? Como costumamos lidar com problemas? Como os resolvemos.

O desejo de ser “alguém” não distingue COMO vamos ser de verdade. O futuro depende de escolhas. Escolhas certas e justas. Do dia a dia mesmo. Nas coisas mais simples. Podemos sim mudar o mundo sendo nós mesmos. Sempre buscando ser melhores a cada dia!

O que queremos ser? Queremos ser melhores. Não melhores, uns dos outros, mas melhores para nós mesmos.

#### TEXTO 5 (I.Z.F.)

##### Meu futuro

Eu espero que no futuro eu tenha conhecido lugares lindos do mundo inteiro, espero ter feito faculdade de Medicina ou Arquitetura.

Quero conhecer a Italia, Portugal, Espanha etc. quero ser uma pessoa boa para todos ajudar a minha família. Não quero casar cedo nem ter filhos cedo. Quero que o mundo também melhore as pessoa mudem sejam melhores dominar todo os meus medos que meus sonho também não fique só no papel ou no sonho só, se eu pretendo casar sim ter filhos sim mais depois que conhecer o mundo todo.

#### TEXTO 6 ( W.V.L.S.)

##### Minha vida, Meu Amado, Meu Futuro!

Na minha vida, eu espero me formar, fazer direito ou psicologia, trabalhar, comprar minha casa, me casar, viajar o mundo (ou só alguns países ai), espero ver

todos os lugares que desejo, espero ajudar todas as pessoas que puder, espero cumprir tudo o que prometi, espero dar orgulho aos meus pais, espero ajudar meu país, espero ser feliz!

Sei que haverá muitos amores, muitos obstáculos e felicidades, e de tudo quero tirar proveito, amadurecer, mostrar o meu melhor que posso, se eu for juíza quero ser a melhor juíza que este país já viu, ser for psicóloga a melhor, e se for outra coisa, não espero menos de mim, não desejo agradar todos pois sei que não conseguirei, mas também não serei antipática não é mesmo kk, então bem, isto é um pouco do que penso, mas com certeza, não é tudo que tenho a dizer e fazer, mas por agora chega, beijos.

#### TEXTO 7 (A.L.O.)

##### Como ser feliz?

Quem eu quero ser? é uma pergunta difícil de se responder, nos meus planos quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatria ou psicologia, eu tenho um sonho e quero realizá-lo mas como eu posso fazer isso, sendo a mesma pessoa para sempre, não dá, em algum momento da vida temos que mudar ser alguém melhor, se formos uma pessoa ruim não alcançaremos nossos sonhos. Para mim a primeira coisa que devemos fazer para podermos realizar nossos sonhos é ter certeza, “Eu realmente quero fazer isso?” “isso vai me fazer feliz?” Se nossos sonhos, são os sonhos de outra pessoa devemos repensar, “Eu quero isso pra mim?” Se nós queremos devemos correr atrás. Meu sonho é ser uma pessoa que não sinta coisas ruins por coisas bobas, ser um exemplo, poder cuidar das pessoas que gosto e fazer o que gosto, não me prender a falsas esperanças se eu quiser eu vou lá e faço, ser decidida e ter uma boa carreira eu quero ser feliz por minhas escolhas.

#### TEXTO 8 (H. S. S.)

##### O que quero da minha vida?

Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado, mas eu tenho um medo e uma certa insegurança, sobre o ensino médio, porque é um ensino bem complicado e bem puxado (tambem) de eu não conseguir e ficar com dificuldades nas novas matérias e tenho pavor do Enem e do Vestibular, pois se eu não conseguir passar e ficar com alguma dúvida.

Eu ouvi dizer que os alunos de medicina se matam de tanto estudar, não sei como eu vou ficar na faculdade. (Eu precis) tem um problema, eu tenho medo de fraturas expostas, órgãos e partes de um humano, mas eu não quero desistir, deve haver um jeito de perder esses medos, eu preciso. Bem é isso, muito obrigado!

#### TEXTO 9 (Y.S.B.)

##### Arte

Desde sempre eu queria ser artista, mexer com arte, música, teatro...essas coisas do tipo. Mas eu sou muito tímida para fazer teatro...

De pouco a pouco vou conseguindo. Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.

Eu tenho um sonho também de ser Bióloga, estudar espécies de animais, cobras, aranhas, escorpiões, tudo quanto é bixo. Ajudar a produzir antídotos para venenos de cobras e aranhas que ainda não existem. E também ser modelo, modelo diferente, extravagante, única. Bem, é isso mesmo ☺ .

Ansiosa para as aulas de biologia do ensino médio!!

## TEXTO 10 (M.S.)

## Mudança

Eu espero ser diferente do que sou agora totalmente diferente com opiniões mais concretas, com humor melhor terminando de cursar administração tendo meu proprio apartamento sendo feliz com amigos e ser focada em algo que me ajudem a me concentrar nas coisas importantes da vida e mantendo contato com a minha familia e simplesmente vivendo o melhor de mim mesmo com dias ruim seguir o mais feliz que eu conseguir e desistir menos ter menos vergonha ser, mais legal corajosa em mudar de (?) mais e desapontar menos os outros a minha volta deixar meus pais orgulhosos e ser o que eu não sou agora ser mais e mesmo querendo desistir sempre continuar para que meus pais não pensem mau de mim pelo modo que eu consiga, me cuidar sozinha construir meu proprio futuro onde eu imagino que vai ser muito dificil pela minha fraqueza e não vontade de fazer as coisas por medo de sempre depender de algum medo de pedir ajuda de pessoas que talvez realmente se importem comigo e não se esqueçam então imagino que terei que me esforçar muito para ser o meu melhor o meu mais feliz eu mesmo será melhor (?).



Texto 1

## Future

Me, future, me imagine  
formado com minha, próprio  
lado, meu próprio lado, com  
minha próprio lado.

Mas sei que não é fácil,  
e não posso não ter que correr  
atrás, lutar e conquistar, e ter  
sempre em mente que a fu-  
tura é muito travessura.

Porém, também ser uma, vida  
melhor, ajudar alguma coisa  
bem-vinda por algo do tipo.

Que o futuro me aguarde,  
que o futuro não aguarde, e que  
seja pela mesma, método do que  
o gente tanto vê.

Texts 2

data . .

S T Q Q S S D

Espeelho

Ao olhar no espelho daqui uns anos pretendo ver  
 alguém melhor, alguém responsável e que tem certeza  
 do que quer, psiquiatria vai servir para abrir  
 minha mente e quero poder as outras pessoas compreender  
 a sua própria mente, seus pensamentos. Ao olhar  
 no espelho quero me amar, quero lembrar dos bons momentos  
 e as decepções tenha servido como lições de vida. O mundo  
 espera que eu cresça, me forme, tenha minha própria  
 vida. Realmente olhar no espelho e ver meu interior,  
 poder ter condições de melhorar a vida dos meus pais,  
 ter um próprio consultório de psiquiatria e também  
 fazer parceria com psicólogos.

A vida sempre espera de todos porém ela não é  
 fácil, o mundo não é fácil, há tantas pessoas que  
 não se encontram dentro de si, não acham  
 um rumo que simplesmente acaba com o rumo de  
 pessoas inocentes, pessoas não cuéis e não ligam para  
 sentimentos, as pessoas não estão realmente emando  
 fazendo relacionamentos superficiais. O mundo quer  
 que eu cresça porém a pessoas querendo as continue  
 disso.

S2

**SUPERMARIO™**



espero do futuro"? que to-  
do repete os outros e que  
tudo aquilo que ser huma-  
no desejo seja realizado  
pois agora o mundo está  
contaminado por cumos, mer-  
tos e outras coisas que para  
saúde é uma vergonha,  
mas é isso eu desejo que  
seja realizado e todos  
sejam felizes.



**SUPERMARIO™**

Texto 3

15 08 18

nome:

Meu Futuro

Agora nesse momento eu estou trabalhando e fazendo curso, mais na verdade meu desejo é ser um grande medico. Mais eu sei que minho vido é por etapa ho-fe esta aqui numo sala de aula, amanha eu depois estarei numo faculdade realizando meu sonho. Eu que-rio muito que esta vida de estudando passe rapido eu estive numo faculdade, mais tenho que ter paciência

Mais eu quero responder um perguntão: "Quem eu quero ser?"  
Eu quero ser um pessoa boa de coração, chemeiros que os valores tidos poder ajudar muito, quero ter uma familia e poder realizar todos os meus sonhos.



É também "O que eu

15.♥08.♥18



certas e justas. De dia a dia mesmo. Nas coisas mais simples. Podemos sim mudar o mundo sendo nós mesmos. Sempre buscando ser melhores a cada dia!

O que queremos ser? Queremos ser melhores. Não melhores uns dos outros, mas melhores para <sup>nós</sup> (e) mesmos.



Texto 4

15.08.18

Davados, 15 de Agosto de 2018.

Português

Projeto: "O que você quer ser?"

"O que você quer ser?" pergunto, constantemente. Muitas vezes a resposta é certa e precisa. "A, médico!", "A, advogado", "professor", "veterinário", "enfermeiro", "jogador de futebol", "cantor", "dancerino profissional", "desenhista", blá blá blá.

Mas a questão não é bem essa... O que queremos ser? Como queremos ser? Quem queremos ser? E porque? Por que?

Optamos sempre por sermos bem sucedidos, pessoas que fazem coisas grandes, exemplares... Que mudem o mundo.

A mudança do mundo não depende totalmente de quão "importante" nos seja a profissão é. Mas sim de COMO somos! Somos pessoas boas? Como costumamos lidar com problemas? Como os resolvemos.

O desejo de ser "alguém" não distingue COMO vamos ser de verdade. O futuro depende de escolhas. Escolhas



I love it!

Texto 5

DOM SEG TER QUA QUI SEX SAB

15/08/2018

## Meu futuro

Eu espero que no futuro eu tenha conheci-  
do lugares lindos do mundo inteiro, espero ter  
feito faculdade de Medicina ou Arquitetura.

Quero conhecer a Itália, Portugal, Espanha etc.  
quero ser uma pessoa boa para todos ajudar a  
minha família, não quero casar cedo nem ter  
filhos cedo. Quero que o mundo também melhore  
as pessoas mudem sejam melhores deixem de fazer  
os meus medos que meu sonho também não fique só  
me papel ou no sonho só, se eu pudesse casar sem  
ter filhos sem mais depois que conhecer o mundo  
tudo.

Nome: \_\_\_\_\_

Texto 6



Minha Vida, Meu Amado, Meu Futuro!

No minha vida, eu espero me formar, por direito em psicologia, trabalhar, comprar minha casa, me casar, viajar o mundo (eu só alguns países ai), espero ver todas as lugares que desejo, espero ajudar todas as pessoas que puder, espero cumprir tudo o que prometi, espero dar orgulho aos meus pais, espero ajudar meu pais, espero ser feliz.

Sei que na haverá muitas amores, muitas dificuldades e felicidades, e de tudo quero tirar proveito, amadurecer, mostrar o meu melhor, ser o melhor que posso, se eu for juiz quero ser o melhor juiz que este país já viu, se for psicólogo o melhor, e se for outra coisa, não espero menos de mim, não desejo agradar a todos pais sei que não conseguirei, mas também não serei antipático não é mesmo né, então bem, isto é um pouco do que penso, mas tem coisas, não é tudo que tenho a dizer e fazer, mas por agora chega, beijos.

De:

OMG!



love

Texto 7



Assine depois de nível 3º A.

Prof: Jucelino / Gosselo

### Como ser feliz?

Quem eu quero ser? é uma pergunta difícil de se responder, mas meus sonhos quero fazer direito mas eu posso mudar de ideia, talvez psiquiatra ou psicóloga, eu tenho um sonho e quero realizá-lo mas como eu posso fazer isso, sendo a mesma pessoa para sempre, não dá, em algum momento da vida temos que mudar ser alguém melhor, se fomos uma pessoa ruim não alcançamos os nossos sonhos. Para criar a primeira coisa que devemos fazer para podermos realizar nossos sonhos é ter coragem, "Eu realmente quero fazer isso?" "Como vou me fazer feliz?" Se estamos tristes, são os sonhos de outras pessoas devemos superá-los, "Eu quero esse porquê?" Se nós queremos devemos correr atrás. Meu sonho é ser uma pessoa que não cometa coisas ruins por coisas bobas, ser um exemplo, por ter cuidado das pessoas que goste e fazer o que goste, não me prender a falsas experiências, se eu quiser eu vou lá e faço, ser decidido e ter uma boa convivência eu quero ser feliz e não me deixar as coisas.



+2&lt;708

data 15 • 08 • 2016

S T Q Q S S D

nome: \_\_\_\_\_

Escola: Escola Estadual Ramona do S. Pedrosa,

Série: 1<sup>ª</sup> A

Turno: Matutino.

Prof.<sup>ª</sup>: Gabriela Beatriz.

Disciplina: Língua Portuguesa.

O que eu quero da minha vida?

Eu pretendo terminar meus estudos e ir para faculdade, me formar em medicina e até quero fazer um cardiologia, e até quero fazer um mestrado e um doutorado, mas eu tenho um medo e uma certa insegurança, sobre o ensino médio, porque é um ensino bem completo e bem pulado (também) de eu não conseguir e ficar com dificuldades nos novos matérias e tenho medo do Enem e do vestibular, pois se eu não conseguir passar e ficar com alguma dívida

Eu (só) ouço dizer que os alunos de medicina se matam de tanto estudar, não sei como eu vou ficar na faculdade. Eu preciso ter um problema, eu tenho medo de fraturas abertas, orçãos, partes de um humano, mas eu não quero desistir, deve haver um jeito de perder esse medo, eu preciso. Bem e se isso, muito obrigada!

Prof<sup>a</sup>: Suzelisa

15/08/18

## Arte

Desde sempre eu queria ser artista, mexer com arte, música, teatro... essas coisas do tipo. Mas eu sou muito tímida para fazer teatro...

De pouco a pouco vou conseguindo. Ser cantora é um dos meus sonhos, cantar, dançar, ser feliz, me apresentar em um palco, usar roupas diferentes, ser eu.

Eu tenho um sonho também de ser Bióloga, estudar espécies de animais, cobras, aranhas, escorpiões, tudo quanto é bicho. Ajudar a produzir antídotos para venenos de cobras e aranhas que ainda não existem. E também ser modelô, modelo diferente, extravagante, única. Bem, é isso mesmo ☺.

Ansiosa para as aulas de biologia de ensino médio!!

Texto 10

9ª

## Mudança

Eu espero ser diferente do que sou agora totalmente diferente com opiniões mais concretas, um humor melhor terminando de fazer administrações tendo meu próprio apartamento sendo feliz com amigos e ser forçada em algo que me ajude a me concentrar nas coisas importantes da vida e mantendo contato com minha família e simplesmente vivendo o melhor de mim mesmo com dias ruins seguir o mais feliz que eu conseguir e divertir menos ter menos vergonha ser mais legal e relaxar um pouco de necessitar mais e desapegar menos os outros a minha volta deixar meus pais orgulhosos e ser aqui eu não sou agora ser mais e mesmo eu querendo desistir sempre contencioso para que meus pais não pensem mais de mim pelo modo que eu consigo me lidar consigo um pouco mais preparado feliz com o que eu imagino que vai ser muito difícil pela minha pobreza e não vontade de fazer as coisas por medo de sempre depender de alguém e medo de pedir ajuda de pessoas que talvez realmente se importem comigo e não se esqueçam então imagino que terá que me esforçar muito para ser o meu melhor e meu mais feliz eu mesmo que talvez eu que terá muitas dificuldades